



Escola de Sociologia e Políticas Públicas

Viagens como ritual – Percursos na Selva de Calais

Francisca Vaz Pinto Simões de Almeida

Tese elaborada para a obtenção do grau de

Mestre em Estudos Internacionais

Orientador:

Manuel João Ramos (Professor Associado com Agregação, ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa)

31 de Outubro de 2018



Escola de Sociologia e Políticas Públicas

Viagens como ritual – Percursos na Selva de Calais

Francisca Vaz Pinto Simões de Almeida

Tese elaborada para a obtenção do grau de

Mestre em Estudos Internacionais

Outubro 2018



*borders are man-made
they only divide us physically
don't let them make us
turn on each other*

-we are not enemies

rupi kaur

the sun and her flowers (2017)

Agradecimentos

A todos os que me abriram os seus corações;

Passageiros em trânsito de sensibilidades silenciadas; viagens da ilusão ao desconcerto;
vozes humanas em cenários de urgência que se alargam (aqui) aos nossos olhos.

Resumo

Num mundo globalizado que se destaca pela diversidade e intensificação de actividade, dinamização e mobilização, os conceitos de tempo e espaço alteram-se à luz de uma nova ordem mundial. Numa era de transformação, em que o conceito de mobilidade adquire significados distintos para diferentes indivíduos, emergem novas identidades e percursos que acarretam consigo formas desiguais de poder, envolvidas na relação dinâmica com o movimento em si.

Perante uma crise global relacionada com o fluxo de refugiados, vivemos uma época em que o próprio conceito de fronteira se altera, convocando consigo noções de cidadania e não cidadania, exclusão e inclusão, num mundo moderno em que o campo como espaço de excepção, se torna regra.

Através de métodos de observação adaptados ao contexto da Selva de Calais, centrei a minha pesquisa no que a mesma reporta consigo, à luz de um discurso de barbarismo contemporâneo e simultânea manutenção dos indivíduos que nela (co)habitam como categoria. Busco compreender o movimento como viagem particular de um processo ritual que objectiva uma ida para um território específico para dele partir rumo ao Reino Unido, simbolizado como destino prometido.

Debrucei-me nos percursos estratégicos inseridos numa geografia simbólica da Selva como palco em que indivíduos convertidos em actores rotulados, se vêm postos a participar. Como que numa encenação muito própria, jogos de transição acarretam consigo uma continuidade descontínua inserida em discursos políticos de separação que se perfazem entre o absurdo do campo e o atentado real e metafórico aos ideais europeus, com especial ênfase, em França.

Numa teatralização óbvia das experiências, que vidas (re)produzem narrativas e significações particulares de ritualização de um mito europeu em prole do sucesso, que nos transporta para a realidade da Selva como viagem de iniciação do mesmo.

Palavras-chave: refugiado(s), movimento, viagens como ritual, fronteiras, actuações, Selva

Abstract

In a globalized world that stands out for the diversity and intensification of activity, dynamism and mobilization, the concepts of time and space are changing in the light of a new world order.

In an age of deeply transformations, in which the concept of mobility acquires distinct meanings to different people, new identities are emerging, bringing with them unequal forms of power involved in the relation with the movement itself.

In a face of a global crisis related to the refugees' flow, we are living in a time in which the concept of border is changing, as well as the notions of citizenship and non-citizenship, exclusion and inclusion. The refugee camps as spaces of exception are becoming the new rule in the modern world.

Through observation methods adapted to the context of the Jungle of Calais, I focused my research on what it brings with it, in the light of a contemporary barbaric discourse and that maintains individuals living in it as a category.

I intend to understand a specific movement of a ritual process that aims to go to the Jungle as a purpose to leave for the United Kingdom, symbolized as a promised destination.

I focused on the strategic paths inserted in the Jungle, as a symbolic geography of a stage in which individuals are put to participate as labeled actors.

Transitional games bring with them a discontinuous continuity inserted in political discourses of separation that are prefaced between the absurdity of the refugee camp and the real and metaphorical attack on European ideals, with emphasis on the French scenario.

In an obvious theatrical way of experiences, my purpose is to explore lives that produce narratives and significations of a European myth ritualization of success, which transports us to the Jungle as a journey of initiation.

Keywords: refugee(s), movement, journey as a ritual, borders, performances, Jungle

Índice de Figuras

Fig. 1 - Mapa de detenções de atravessamentos ilegais de fronteiras em 2014, com a percentagem de mudança desde 2013 por rota (Frontex 2015)

Fig. 2- Mapa dos lugares centrais da Selva (2015/2016), Josh White, disponível em: <https://www.dailymail.co.uk/news/article-3348594/Restaurants-theatre-free-wifi-Calais-Jungle-migrant-camp-mini-city.html>

Fig. 3 - Zona da Selva de tendas de habitação maioritariamente de populações provenientes do Sudão e Afeganistão, 2014 (Francisca Simões de Almeida)

Índice

Agradecimentos

Resumo | Abstract

Índice de Figuras

Prólogo 1

Introdução 4

1 Escapar-te 11

1.1 Mobilidades e Fronteiras 12

1.2 Diáspora, Cultura(s) e Relação com o(s) Espaço(s) 16

1.3 Migração, Processos Identitários e Estado Soberano 21

2 Viagens como Ritual 27

2.1 Selva de Calais 28

2.2.1 Geografia Simbólica 29

3 Metodologias de um (in)adaptado 33

4 Arquivos como (imoral) 43

4.1. Colonialismo Moderno 44

4.2 Discursos Populistas e Nacionalistas 45

4.3 Que Apartheid Generalizado 46

4.4 O Mito de Sucesso não Concretizado 48

5 Erro Permanente 50

5.1 Muros como Simbologia Máxima de uma Era Actual 51

5.2 Fenómenos Necropolíticos 52

5.3 Crimigração 53

5.4 (Que) Resoluções 54

5.4.1 (Que) Mentalidades 55

Conclusão 59

Bibliografia

Prólogo

“(...) Depois da guerra, pensava eu, restavam apenas cinzas, destroços sem íntimo. Tudo pesando, definitivo e sem reparo.

Hoje sei que não é verdade. Onde restou o homem sobreviveu semente, sonho a engravidar o tempo. Esse sonho se ocultou no mais inacessível de nós, lá onde a violência não podia golpear, lá onde a barbárie não tinha acesso. Em todo este tempo, a terra guardou, inteiras as suas vozes. Quando se lhe impôs o silêncio elas mudaram de mundo. No escuro permaneceram lunares.

Estas estórias falam desse território onde nos vamos refazendo e vamos molhando de esperança o rosto da chuva, água abensonhada. Desse território onde todo homem é igual, assim: fingindo que está, sonhando que vai, inventando que volta.”

mia couto

estórias abensonhadas (2003)

Com o aumento exponencial do número de refugiados e migrantes que chegam à Europa nos últimos anos, torna-se nos dias de hoje banal a presença de inúmeros campos de refugiados pelo espaço europeu.

Provenientes de diversos conflitos em diferentes regiões, vagas migratórias viajam rumo a um destino tido como terra prometida, em que a esperança se torna alimento diário.

Campos tornam-se ponto dinâmico de uma realidade em movimento. Associados a caminhos e percursos distintos, formam-se como unidade socio espacial; lugar de chegada e de partida que se materializa à luz de uma situação de vulnerabilidade extrema e de um jogar constante entre o temporário e o permanente.

Espaços que se convertem num desafio global, tornam-se fenómeno de heterogeneidade e (re)construção, numa lógica de produção social de um lugar de espera, inserido por sua vez numa política de emergência europeia e mundial.

A compreensão da realidade de campos instaurada na Europa, como problemática passará também por colocar em evidência estas disparidades que se aliam a complexas problemáticas em torno de valores, não apenas políticos, como sociais, económicos, culturais, identitários e humanitários.

A Selva surge como uma etapa muito particular de iniciação de um processo específico em busca de novo(s) espaço(s) de vínculo.

Desde o momento de abandono da sua terra natal, populações deslocadas acarretam consigo uma narrativa própria, histórias e valores enraizados num complexo processo demarcado pelo trauma, memórias individuais e colectivas, (re)transformações, num percurso de motivações, negociações e reconfigurações culturais e identitárias.

A chegada ao campo é marcada, seguindo a linha de pensamento de Giorgio Agamben (2002) pelo vazio do abandono ao lugar de excepção, sob uma condição de vida nua que se vê na urgência de recriar e reinventar, num aliar do passado a um futuro para o qual o presente parece escapar entre as mãos. Isto é, a inserção de grupos num contexto generalizado de inexistência de quaisquer direitos, neste caso, no espaço do campo de refugiados, converte estes mesmos indivíduos em seres desprovidos das esferas legais da sociedade, vistos e tidos como ameaça.

O desafio é tornar inteligível uma realidade em movimento, no âmbito de uma instabilidade que reclama adaptação, num mundo actual que contraria o seu carácter fluido, híbrido e dinâmico com um fechar de portas tido como nova norma quotidiana.

Uma vivência na Selva passou por um olhar enquadrado num contexto inerentemente complexo e ambíguo que acarreta consigo reproduções e significações, quer dos indivíduos

que por lá passaram, quer de discursos políticos em torno desta realidade, que pretendo deslindar segundo uma interpretação de narrativas geradas, que se relacionam entre elas e que, por conseguinte, perfazem várias linhas de pensamento.

Que configurações abrangem realidades próprias de viagens num percurso rumo à Selva que se converte em processos(s) de rejeição e exclusão recorrentes.

Como produto de uma abordagem idiossincrática muito própria, surge uma análise centrada no ouvir e no fazer(-se) ouvir, mediante o escutar de vozes silenciadas que optam por partir e se vêm arraigadas num novo palco europeu “paradoxal”; esperançosas de recriação de estar e ser; voltar e permanecer.

Introdução

A estrada não era o tema, apenas o pretexto. O fio condutor de uma realidade.

Paulo Moura

Longe do Mar (2014)

Fruto de uma vivência ao longo de quatro meses na Selva de Calais, surge um retrato próprio de uma realidade em movimento que se vê, dadas as circunstâncias muito próprias, imobilizada num espaço particular de inserção de uma população migrante a ser controlada.

De diversos percursos individuais que conheci e acompanhei, centrarei a minha análise nas trajetórias daqueles que (sobre)vivem no campo, como espaço de transição biopolítico em que agentes (se) materializam e actuam à luz de uma condição singular de inadaptação e exclusão contemporâneas.

Michel Agier (2014), desenvolve a partir do raciocínio de Giorgio Agamben (1988) a noção de “vida nua”, *bare life*, inserida nos campos. Isto é, o campo, como lugar de excepção justifica a legitimação da exclusão e separação entre cidadãos e não cidadãos, convocando consigo uma realidade biopolítica, ou seja, mecanismos de poder exercidos nos processos da vida humana, que invocam um Estado que se apropria da vida de certos indivíduos, colocados iminentemente numa condição de nudez, corporal, política, psicológica e moral, a “vida nua”.¹

É importante referir que nos diversos discursos que pretendo abordar e interpretar, estarão inseridas narrativas de diferentes refugiados e migrantes de grupos distintos em interacção e (re)construção; vivências singulares que se unem em termos de problemática. A partir de itinerários individuais de cada um, pretendo revelar e interpelar universos partilhados no (e do) percurso do habitante inserido na Selva, como terreno central desta pesquisa.

É em primeiro lugar relevante sublinhar qual a condição dos indivíduos que a ela se dirige – refugiados e migrantes económicos, e quais as razões, circunstâncias e percursos que os levam de encontro a uma viagem particular demarcada pela partida rumo a novo(s) palco(s) de acção.

¹ Ver Michel Agier (2014)

Evoco e distingo refugiados e migrantes económicos, segundo a definição oficial da UNHCR². Se o primeiro engloba indivíduos ou grupos que escapam à guerra, violência, conflito ou perseguição e que atravessam uma fronteira internacional a fim de procurar segurança noutro país, o segundo distingue-se pela escolha de deslocação que advém não de uma ameaça directa de perseguição ou morte, mas principalmente em busca de melhores condições de vida, trabalho ou educação. Contrariamente ao refugiado, o migrante pode voltar ao seu país, continuado a receber protecção do governo do mesmo.

Pretendo “absorver” realidades na Selva, que se iniciam pela diversidade de indivíduos nela presentes. Simultaneamente, o seu destino torna-se comum, à luz da decisão de uma viagem particular rumo a Calais, e daí para o Reino Unido, tido como nova realidade de iniciação.

Por conseguinte, proponho abordar estes mesmos percursos como ritual, no sentido de se unirem neste mesmo protocolo de chegada ao Reino Unido. Fá-lo-ei em três principais focos: O que a Selva reporta, acarreta e simboliza num contexto mais generalizado, o que a mesma representa para as pessoas que lá vivem, apontando uma viagem como ritual alicerçada no sonho do sucesso, e por fim, discursos políticos associados e (que) relação da Selva com França (e com a Europa).

Os mesmos serão explorados por meio de descrições, discursos e narrativas distintas, nos quais se destaca uma teatralização óbvia de experiências, isto é, formas, mecanismos e manobras que contrariem a categoria de vítima passiva associada ao refugiado/migrante.

A partir da observação no terreno como método de análise, pretendo cruzar textos e interpretar discursos, como forma de relacionar e combinar narrativas e configurações; absorver autores e pensamentos que vão de encontro às palavras exploradas e interpeladas.

Uma distinção clara entre “nós” (cidadãos europeus franceses) e “eles” (refugiado ou migrante habitante da Selva) dá-se num contexto em que massas populacionais se dirigem a Calais, conhecendo de antemão as condições absurdas a que se vão sujeitar, à luz de uma fissura arrebatadora entre o incluído e o excluído. A decisão de partir (de qualquer maneira) evoca consigo um caminho ritual que pretendo enfatizar.

Surgem questões a salientar como “Em prole de quê?”, ou “Se o mito não se converte em realidade de sucesso, que percursos valeram a pena?”

² UNHCR /ACNUR - United Nations High Commission for Refugees / Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados

Parece-me oportuno referir a obra de José Carlos Gomes da Silva (2006) e um fenómeno de ilusão das palavras explorado pelo autor. Face a métodos idiossincráticos na Selva de Calais, tentarei passar para o papel realidades particulares que vivi e senti. A escrita terá um propósito ilusório de transportar o leitor para os contextos que presenciei (a minha realidade) e que aqui serão evocados.³

Será importante enfatizar que com esta investigação o pretendido não passa por assumir conceitos e lógicas rígidos, mas absorver um mundo em movimento; várias dimensões que se conjugam, interrelacionam e reformulam, ao longo de um complexo percurso que abarca o abandono da terra natal, a chegada e vivência no campo e a passagem para a cidade.

Destes três contextos espaciais, destacarei a Selva como ponto de encontro e local de passagem que habitei ao longo de quatro meses; lugar de expectativas que se articulam pelo e através do movimento num espaço de transição, segundo uma lógica reflexiva de absorção da experiência humana e pessoal sob o uso de estratégias e diversos esquemas de acção e interacção.

Se cheguei à Selva como voluntária independente, o meu papel na mesma converteu-se em simultâneo no de espectadora participante nas diversas esferas do campo. Pretendo passar para o papel não só a sua descrição e interpretação, como as palavras daqueles que nele habitaram, com quem vivi e convivi e interagi.

Pierre Bourdieu (1980) propõe e explora o conceito de *habitus* como um conjunto de disposições, esquemas de acção, percepção e apreciação que qualquer indivíduo adquire pela sua experiência pessoal. Através da vida, trajectória e grupo social, cada indivíduo incorpora uma série de modos de sentir, agir e pensar que perduram no tempo e condicionam decisões futuras. *Habitus* é tanto produto social e histórico, como motor gerador de novas práticas.

Nesta abordagem particular dá-se o encontro de duas narrativas paralelas, uma que se arraiga numa viagem de iniciação, outra como observadora que busca a compreensão da mesma, suas oposições, relações e combinações diversas.

Provenientes de causas e origens diferentes, relações distantes no tempo e no espaço tocam-se na Selva, o que constitui um *habitus* específico referente às vivências nesta mesma unidade socio espacial.

³ Ver José Carlos Gomes da Silva (2006), “Objets illusoires de l’écriture”

A exploração incide na análise de existência(s) em relação com o(s) espaço(s) e com os mitos por estes carregados; na absorção de lugares que se (re)transformam num percurso de abandonos e chegadas, diferentes interações e respostas, à luz de uma urgência de (re)começar, segundo a ritualização de um caminho de sucesso.

Uma abordagem completa da Selva implica inserir este mesmo contexto em todos os outros que o rodeiam e inevitavelmente se interligam, na e para lá da mesma. Importa referir que toda esta análise foi feita num momento particular em que pretendi ouvir e conjugar diferentes universos sentidos, vividos e narrados pelos indivíduos que (re)habitaram esse espaço de certezas e incertezas. As minhas palavras serão uma janela de realidade, entre (muitas) outras possíveis.

Numa conjugação de existências, será com base nas narrativas que escutei e que (por) aqui faço ouvir, que delimito o perímetro desta dissertação - que trajectórias e (re)transformações produzem novas narrativas de iniciação, por entre as diferentes etapas do seu percurso, à luz de representações e percepções que coexistem nos diferentes espaços reais e metafóricos a ele associados.

Os percursos e vozes dos meus interlocutores balizaram o perímetro desta análise etnográfica de (que) trajectórias e viagens se materializam em narrativas dinâmicas muito próprias.

A interpelação das mesmas será contemplada na Selva e cruzada para lá dela, à luz de uma discussão de problemáticas que se prende com o campo e tudo o que este simboliza e acarreta e simultâneas abordagens e pensamentos literários em torno do mesmo.

Ainda como fase introdutória de conceitos chave para uma pesquisa de observação no terreno centrada na Selva, em “ESCAPAR-TE” surge uma primeira simbologia de refugiado ou migrante como condição particular.

Uma viagem evocada como ritual exige, a meu ver, uma abrangência prévia de vulnerabilidades extremas inerentes à ideia de movimento em si. (I)mobilidades actuais vêm-se incorporadas nas práticas de mobilização e deslocamento contemporâneas, das quais, emergem fronteiras e muros tanto espaciais como sociais, políticos e morais segundo um novo paradigma emergente.

Perante uma conjuntura de diáspora, (que) fragilidades se associam a um caminho arraigado no mito, no qual inevitavelmente emergem actuações e máscaras deliberadas face a contextos de instabilidade, incerteza e rejeição generalizada.

Migrações que evocam consigo um ritual particular rumo à Selva e a partir dela, emergem estratégias subjectivas de agência que se debatem com a produção de narrativas iminentemente inseridas num espectro soberano actual de brutalidade e segregação.

Em “VIAGENS COMO RITUAL” Selva surge como espaço de transição; unidade socioespacial de heterogeneidade iminente. A Selva de Calais é descrita na sua morfologia, geografia e simbolismos que acarreta.

Se o que leva massas populacionais em direcção à mesma é a ideia de um novo ponto de partida, o mesmo é corroborado, numa primeira evidência, pela palavra Selva em si e significações que esta transporta.

À luz de um enredo muito próprio, (que) realidades se tocam em eixos sociais, culturais e sociais constantemente manobrados.

Representações da Selva para aqueles que nela (co)habitam dão forma a “METODOLOGIAS DE UM (IN)ADAPTADO”; (que) indivíduos e narrativas se reconfiguram, à luz de uma Europa como madrasta de uma ilusão.

É a aqueles que se sujeitam às condições miseráveis do campo a níveis infrahumanos que são colocadas as questões proeminentes “em nome de quê?”, ou se “valeu a pena?”

Se a Selva convoca consigo a inserção do refugiado numa categoria “exclusiva” de vítima, uma reconstrução de existências converte-se iminentemente em actuações em prole da sobrevivência, à luz de processos particulares que visem novas realidades iniciáticas de inclusão e acolhimento.

“ARQUIVOS COMO (I)MORAL” abrangem discursos políticos directamente relacionados com a Selva e relação da mesma com França (e com uma Europa democrática).

Se contemplamos um projecto francês arraigado em ideais de “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, o campo de Calais e reacções face ao mesmo assumem-se como antagónicos a estes mesmos ideais.

Perante um estado soberano que detém consigo a monopolização das forças tanto físicas, quanto simbólicas, são detectados fenómenos de permanente distinção entre “nós” e

“eles” dos quais discorrem ferramentas de controlo contemporâneo que predizem um apartheid generalizado (Agier, 2014, apud Neto, 2016, p. 296).

Após uma análise intertextual de interpelação de conjunturas e discursos que produzem narrativas particulares, parece-me pertinente fazer um novo balanço de teorias e pensamentos que vão de encontro a linhas de pensamento retiradas deste estudo.

“ERRO PERMANENTE” surge não ainda como conclusão, mas em jeito de finalização que pretende deslindar um sistema conflituoso e fracturado ocidental, problemáticas emergentes e (que) formas de resolução das mesmas.

Se assistimos a uma crise de migração actual como uma das complexidades que vem comprometer um standard civilizatório arraigado numa democracia capitalista, que quadros (políticos, sociais e morais) revelam mentalidades e estruturas contemporâneas como fruto de uma sociedade que trajecta o seu próprio declínio.

Em simultâneo, que simbolismos são transportados numa viagem como ritual, que desembarca não no mito do sucesso, mas em eixos de distinção e compartimentação representados na Selva e para lá dela.

Por conseguinte, recorro a novas formas de (re)pensar arraigadas em “contra narrativas”, *couter narratives*, que compõem nova(s) possibilidades de (re)fazer estruturas (de) indivíduos, sociedades e culturas.⁴

⁴ Os capítulos desta dissertação evocam narrativas, descrições e discursos cruzados que pretendem reproduzir viagens como ritualização de um mito específico. Centrando-me na Selva de Calais como primeiro destino de iniciação deste novo processo, primeiramente irei caracterizá-la, física e simbolicamente. Posteriormente, reporto representações diversas do campo para os que nele habitam. Por fim, enuncio e exploro discursos políticos associados e (que) relação real e metafórica da Selva com França. Questiono ainda uma crise de migração que se insere em medidas paradoxais que não abrangem as realidades no seu todo e formas de alterar tais conjunturas

1 ESCAPAR-TE

*your legs buckle like a tired horse running for safety
drag them by the hips and move faster
you do not have the privilege to rest
in a country that wants to split you out
you have to keep
going and going
and going
till you reach the water
hand over everything in your name
for a ticket onto the boat
next to a hundred other like you
packed like sardines
you tell the woman beside you
this boat is not strong enough to carry
this much sorrow to a shore
what does it matters she says
if drowning is easier than staying
how many people has this water drunk up
is it all one long cemetery
bodies buried without a country
perhaps the sea is your country
perhaps the boat sinks
because it is the only place that will take you*

-boat

rupi kaur

the sun and her flowers (2017)

1.1 MOBILIDADES E FRONTEIRAS

I hastened here for the sake of my stomach

And landed promptly in jail.

Imprisoned I am melancholy; even when I

eat, my heart is troubled.

They treat us Chinese badly, and feed u^os

yellowed greens.

My weak physique cannot take it; I am truly

miserable.

The low building with three beams merely

shelters the body. It is unbearable to relate the stories

accumulated on the Island slopes.

Wait till the day I become successful and

fulfill my wish!

I will not speak of love when I level the

immigration station.⁵

⁵ Os dois poemas, presentes na obra de Tim Cresswell (2006): *On the move: Mobility in the Modern Western World*, capítulo 7 “Producing Immigrant Mobilities”, são exaltados por diversos autores. Escritos originalmente em chinês, remontam aos sentimentos de exclusão, sofrimento e frustração perante uma lógica de produção de (i)mobilidades de imigrantes chineses proibidos de entrar nos Estados Unidos no ano de 1882, após o “Acto de Exclusão Chinês”. A sua inserção neste capítulo, como material de denúncia de políticas de mobilidade que acarretam consigo simultâneas políticas de diferenciação e exclusão, pretende transportar as mesmas para uma aclamação de mecanismos semelhantes face à actual problemática migratória (que serão explorados ao longo desta dissertação)

À luz de um movimento que se enquadra nas circunstâncias de um dia a dia fluido e dinâmico como facto óbvio e quase inerente ao ser humano, será relevante olhar uma outra face da (i)mobilidade, em relação com um tempo e espaço(s) específicos, inseridos num contexto de decisão de fuga e partida rumo ao destino da Selva de Calais.⁶

Se qualquer deslocamento implica factores que o desencadeiam, qualquer migração pressupõe uma simultânea interacção de uma série deles, que se interligam através e pelo movimento.

Denoto ao longo desta dissertação uma viagem particular como ritual em direcção à Selva, para da mesma, partir para o Reino Unido, conotado como mito ou sonho de sucesso e simultâneo destino incerto, já que o país não (mais) se dispõe a abrir as suas portas.⁷

Mobilidade(s) serão ao longo desta dissertação exploradas nesta vertente particular e quais as suas implicações perante um foco de espera que se torna componente de um movimento paradoxalmente preso a dimensões espaciais e temporais indefinidas.

Ao longo da viagem e dos diversos momentos de (re)construção que visam a sobrevivência e a previsão de um possível, mas incerto assentamento, olhar a Selva como espaço de transição que se converte em permanente, traz consigo novas noções de raízes e desterritorialização; mobilização imobilizada num jogo constante de identidades, existências e impactos arraigados ao mito de um novo início.

Com base numa lógica de movimento que nasce como momento(s) de espera, forma-se uma dissertação que se prende com esta mesma espera e seus impactos nos indivíduos a ela sujeitos, numa permanente contradição entre o esperado e o concretizado.

Tim Cresswell (2006, 2010, 2012) explora um paradigma de mobilidades, suas vertentes contraditórias e impactos, absorvendo uma visão de espera incorporada na mobilidade em si: “Stillness is everywhere: ‘a queuer in line at the bank; a moment of focus; a

⁶ Ver Clifford (1992, 1997); Gupta & Ferguson (1992, 1997); Malkki (1992); Cresswell (2006); entre outros que exploram um mundo actual híbrido e dinâmico no qual as manifestações culturais não se estruturam através de lugares específicos delimitados. É propósito nesta dissertação olhar o movimento do refugiado, paradoxalmente inserido nesta fluidez contemporânea, como imobilizado. Proponho ainda mais adiante novas contradições em torno das culturas e expressões culturais face ao refugiado, e sua aceitação na sociedade ocidental

⁷ No momento da minha chegada à Selva, o sonho de chegar ao Reino Unido era comum aos indivíduos que nela habitavam. O Brexit vem anunciar uma rejeição da entrada de imigrantes que, se já denotada pelo próprio contexto situacional do campo de Calais, se materializa em novas legislações de não aceitação daqueles que aguardam (não mais do que) um mito de sucesso que se vê corroborado

passenger in the departure lounge; a suspension before a sneeze; a stability of material forms that assemble; a passport photo.” (Bissell e Fuller, 2011, *apud* Cresswell 2012, p. 648).

Uma abordagem holística em torno da(s) mobilidade(s) como fenómeno social em relação com o espaço e com o tempo, explora os próprios processos de migração não de uma perspectiva puramente focada no movimento como acto físico, mas na mobilidade que acarreta consigo estratégias, significações associadas e implicações sociais das mesmas (Cresswell, 2006, 2012; Bissel e Fuller, 2011).

Contemplar uma mobilidade contemporânea que incorpora este novo paradigma de imobilidade(s), convoca nesta dissertação a urgência de compreender que significados e impactos daqui advêm no percurso daqueles que tomam a decisão de partir, sujeitando-se às condições mais desumanas em prole de um propósito específico.

À luz de uma civilização ocidental que faz uso crescente de políticas de (i)mobilização e diferenciação como produção e simultâneo produto de poder, torna-se a meu ver fulcral inserir uma experiência de migração imobilizada nesta mesma esfera de exclusão emergente; olhar uma imobilidade que se vê incorporada nas práticas contemporâneas de mobilização como uma complexa problemática que nos vem sugerir uma lógica de produção social, física e cultural de negação e não aceitação, ao longo de uma jornada que parece não ter fim.⁸

Nas palavras de Cresswell: “(...) the fact of movement becomes mobility. How, in other words, movement is made meaningful, and how the resulting ideologies of mobility become implicated in the production of mobile practices.” (Cresswell, 2006: 21).

Partindo desta lógica de um novo olhar contemporâneo sob a (i)mobilização, e à luz desta janela de pensamento, forma-se um raciocínio que se poderá complementar com o conceito de “fronteiras invisíveis”, *invisible borders* “situated everywhere and nowhere.” (Balibar, 2002a: 78).

O conceito de fronteira surge como conjunto de significações que se alteram em espaços e tempos distintos, numa construção que adquire diferentes formas em diferentes lugares. À luz de histórias e percursos diferenciados, fronteiras adquirem na actualidade um poder discriminatório, convertidas em instrumentos de triagem e diferenciação que visam em última instância fortalecer os estados, sob uma aura de controlo dos modos de (não) pertença a uma sociedade e por conseguinte, certa regra.

⁸ Ver Cresswell (2006, 2010, 2012); Balibar (2002a, 2002b 2004); Sigona (2015); entre outros na abordagem da (i)mobilização como instrumento de controlo e diferenciação

Assim sendo, uma conjuntura de “vacilação de fronteiras” é fruto de um contexto actual em que as mesmas se convertem em noções que oscilam entre forças políticas, legislativas e constitucionais face a novos modos de discriminação instaurados; acabam por moldar, impactar e modificar identidade(s) e consciência das mesmas.

Movimento(s), fronteiras, culturas e identidades associadas a percursos de iniciação, deparam-se com uma actual crise do estado nação aliada a esferas de compartimentação⁹. Por conseguinte, importa questionar horizontes sonhados e projectados que, de carácter utópico, não servem para mais do que caminhar.¹⁰

Perante uma esfera contemporânea de relação com o(s) espaço(s) cada vez mais complexa, em que a Selva de Calais adquire destaque físico e simbólico, será interessante olhar horizontes segundo a abordagem de Eduardo Galeano, isto é, que acarretam consigo a ideia de um cenário inalcançável, utópico. Para o escritor, a utopia está no horizonte, coincide com ele, revestindo-o de uma conotação inatingível: “Avanço dois passos; ela recua dois passos. Avanço mais dez passos, e o horizonte recua outros dez. Por mais que ande, nunca lá chegarei. Para que serve então a utopia? A utopia serve para caminhar.”¹¹

⁹ Ver Étienne Balibar (2002) acerca da reflexão dos fenómenos contemporâneos fronteiriços e sua ligação iminente com uma actual crise do estado nação, que faz uso das fronteiras como instrumento de discriminação, triagem e diferenciação

¹⁰ Importa referir que ao longo desta dissertação, refiro horizontes iminentemente relacionados com uma viagem iniciática que se prende com a projecção do alcance de algo novo; começos de sucesso. Horizonte(s) são neste sentido explorados, não como fase ou etapa que termina, mas como (re)começos face a um futuro, paradoxalmente arraigados a (não mais do que) um mito

¹¹ Excerto da entrevista de Eduardo Galeano, consultado em 14.05.2018. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=9iqi1oaKvzs>

1.2 DIÁSPORA, CULTURA(S) E RELAÇÃO COM O(S) ESPAÇO(S)

Através de uma reflexão própria acerca de experiências de deslocamento, o termo diáspora, que abrange qualquer pessoa ou população étnica que abandona a pátria tradicional da sua etnia, estando dispersa por outras partes do mundo¹², evoca particularidades pela capacidade e papel de cada indivíduo na (sobre)vivência através do processo de diáspora em si.

Parece-me oportuno dar continuidade aos horizontes que o refugiado transporta consigo conforme uma linha de pensamento que, não deixando de se basear na inalcançabilidade dos mesmos, reforce em simultâneo (re)construções por eles promovidas. Se é ao longo deste texto, evocado e explorado um mito não concretizado, de que forma(s) os indivíduos a e ele se agarram estrategicamente, em prole da manutenção de um caminho minimamente coerente e estável.

Vincent Crapanzano (2004) propõe a noção de “horizontes imaginados”, *imaginative horizons* como os limites que separam o aqui e o agora do que está “além” no tempo e no espaço. Estes mesmos horizontes, de carácter criativo e construtivo, influenciam tanto a forma como experienciamos as nossas vivências, como as interpretações que fazemos delas, numa esfera de criação e imaginação perante as experiências vividas.

Uma condição de partida segundo um caminho próprio sugere um papel da criatividade nas próprias vivências e interpretação das mesmas. Por conseguinte, e aliando o conceito de diáspora a uma viagem que se arraiga a um ritual simbólico, surge o movimento como algo criativo, que conta uma história muito própria de interconexão de processos dinâmicos culturais, espaciais, temporais e identitários. À luz de contextos de incerteza e instabilidade estes mesmos processos traduzem-se em esquemas de acção, moldagem e iminente actuação.¹³

A análise de um ritual muito próprio, evoca contextos incertos e instáveis não apenas segundo uma lógica adaptativa com base na (re)criação, como arraigados em simultâneo ao mito e ao sonhodo sucesso. Por conseguinte, os mesmos são convertidos em estratégias subjectivas de agência; recursos sociais que permitem uma negociação em prole de uma

¹² Definição do termo segundo glossário da OIM (Organização Internacional para as Migrações)

¹³ Partindo da incerteza como condição existencial de refugiado, a mesma é abordada por Cooper e Pattern (2015), entre outros como recurso social e mecanismo que promove negociações e (re)construções de novos esquemas de acção. Indo mais longe, acrescento ainda novas formas de actuação inseridas nestas reconstruções estratégicas, que se debatem com a urgência de converter contextos incertos e instáveis em mito de sucesso concretizado.

construção de novo(s) ponto(s) de partida: “(...) uncertainty produces new social landscapes of social horizons, showing how patterns of interrelatedness and projections of the future are shaped by uncertain material and temporal contexts”. (Cooper e Pattern, 2015: 2).

Perante realidades ambíguas em que a viagem adquire significações muito para além do movimento físico, interligam-se diferentes experiências que se moldam e conjugam numa aura tanto de adversidade como de sonho partilhados, em que o fenómeno de diáspora adquire conotações espaciais e culturais adaptativas.

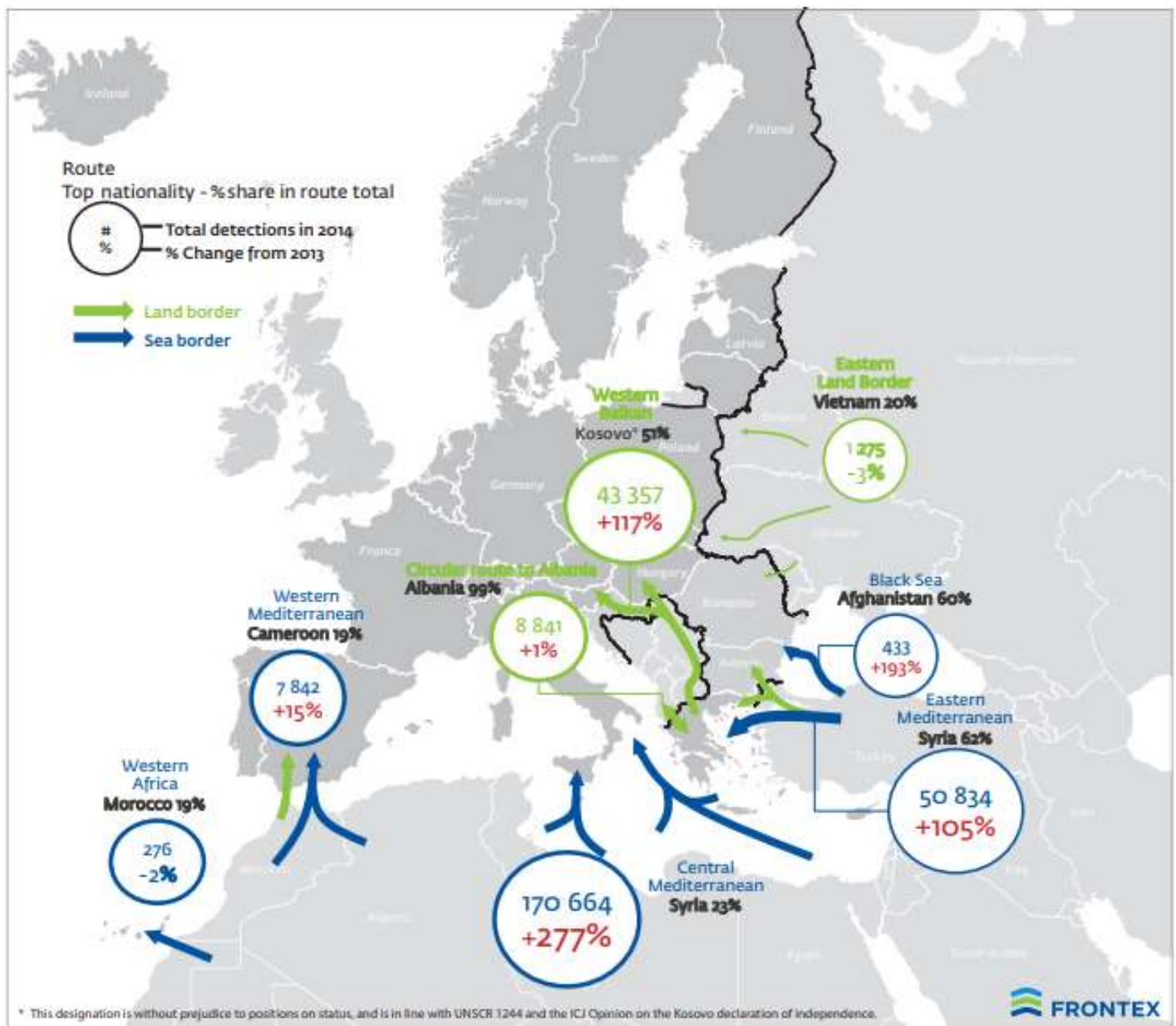


Fig. 1 Mapa de detenções de atravessamentos ilegais de fronteiras em 2014, com a percentagem de mudança desde 2013 por rota

Parece-me oportuno numa primeira fase de debate de movimento(s) de partida particulares, olhar as principais rotas rumo à Europa no ano de 2014, ano em que estive na Selva (fig.1).

Se contemplamos números crescentes de migrantes que partem para o continente europeu a todo o custo, num desafio desenfreado aos percursos e oceanos perigosos com que se debatem na viagem, e na qual muitos acabam por perder a vida, tal fenómeno sugere não só uma viagem que visa ser cumprida a todo o custo, como a mesma alicerçada na esperança de um caminho iniciático em direcção a novas oportunidades de sucesso.

França e Inglaterra tornam-se dois pontos de cruzamento de uma problemática particular em torno de um rito muito próprio. Do mar para a a Selva, da Selva rumo ao Reino Unido.

À luz de uma jornada dinâmica arraigada num (único) propósito específico, Calais torna-se ponto comum em que massas populacionais se acumulam sob cenários infrahumanos com vista a ascender a um mesmo projecto de sucesso que as une.

Os esforços de investimentos em dispositivos de controlo por parte de ambos os governos, sugerem-nos uma realidade paradoxal em que indivíduos caminham rumo a (não mais do que) um mito, permanentemente contrariado por um fechar de portas deliberado à migração, tanto em Calais, onde debaixo de um túnel aguardam pela sua vez de escapar, como Reino Unido que intensifica as medidas de segurança e protecção à entrada de migrantes na sua fronteira.¹⁴

À luz de um movimento que acarreta consigo a noção de “viagem de ruptura” que se opõe à ideia ilusória de “viagem iniciática”, a urgência de caminhar em prole de qualquer coisa, traduz-se na interiorização de manobras e estratégias de actuação permanente, a que o refugiado/migrante se sujeita desde o momento de partida.

¹⁴ O relatório da House of Commons Home Affairs Committee acerca de “Migration Crisis”, elucidamos acerca da problemática migratória específica em França e no Reino Unido. Perante a chegada em massa de migrantes a Calais com o propósito de daí entrar de forma ilegal no Reino Unido, ambos os países tomam medidas de segurança e controlo como instrumentos deliberados de impossibilitar a entrada e requisição de asilo nos mesmos. Um exemplo claro é o estabelecimento de “*justapoxed controls*”, mecanismo específico de detenção daqueles que tentam ilegalmente ascender a estes territórios europeus. Consultado em 05.09.2018. Disponível em: <https://publications.parliament.uk/pa/cm201617/cmselect/cmhaff/24/24.pdf>

Olhar a visão da autora Liisa Malkki (1992) acerca da cultura de “arborização”, constitui uma importante reflexão acerca da “metafísica sedentária”, *sedentarist metaphysics*, vigente na actualidade, que denuncia por si indivíduo deslocado mantido como categoria.

Da construção de raízes que envolvem ligações entre pessoas e espaço(s), constatamos a importância das mesmas para o desenvolvimento de identidade(s) associadas por sua vez a diferentes formas de territorialização. Numa lógica de sedentarização e ideias fixas, indivíduos são identificados e categorizados em relação directa com o afastamento do território e a consequente quebra de vínculos.

Nas palavras de Malkki: “Os refugiados são assim um grupo potencialmente perigoso que questiona e perturba os limites territoriais, que não só ameaça a segurança nacional como desfoca a distinção entre o habitante natural e o estrangeiro” (Malkki, 1995a: 8).

Movimento(s) como algo inerente ao ser humano, implicam na actualidade novas conjunturas que acarretam consigo noções de fronteiras e zonas fronteiriças, que não só contrariam o conceito de viagem em si, como forma de movimento livre e deliberado, como interferem com processos e narrativas que dela advêm e que, a partir da mesma se reproduzem.¹⁵

Uma relação iminente entre identidade, lugar e deslocamento, convoca o refugiado/migrante como ameaçador a uma ordem natural das coisas, já que perde a conexão física com seu território, se encontra desenraizado e, por conseguinte, despojado de valores e comportamentos morais. Tal como Malkki sugere: “(...) the widely held commonsense assumptions linking people to place, nation to territory, are not simply territorializing, but deeply metaphysical (...) the naturalizing of the links between people and place is routinely conceived in specifically botanical metaphors. That is, people are often thought of, and think of themselves, as being rooted in place and as deriving their identity from that rootedness.” (Malkki, 1992: 34).

James Clifford (1992, 1997), contrariando uma lógica sedentária de cultura(s) e valores enraizados e vinculados a um determinado solo ou território, sugere o conceito de “viajar habitando”, *dwelling-in-travel* e *traveling-in-dwelling* que me parece interessante e oportuno explorar.

¹⁵ Michel Agier (2011[2008]) e Liisa Malkki (1992, 1995a, 1995b) entre outros, exploram a complexidade da relação entre identidade, lugar e deslocamento. Reforçam a necessidade do estudo caso a caso para uma análise da mesma. Percursos identitários e compreensão dos mesmos, tomam lugares fulcrais em torno de narrativas produzidas à luz de uma teatralização iminente das experiências

Num sentido mais amplo do movimento e suas significações, num desmontar da interação humana, fará sentido olhar a própria cultura como viagem, aliando uma dimensão de construção (i)mobilizada a um movimento como fenómeno indissociavelmente cultural e identitário. (Clifford, 1992, 1997).

Deste ponto de vista, se viagem se destaca como ponto dinâmico de influências; reconstrução de concepções em redor de cultura(s) e identidade(s), proponho que peso dar aos mesmos em torno de uma viagem particular para a Selva e da mesma para o Reino Unido, que desde o seu momento de início se conota quase como rito *sui generis*.

À luz de uma experiência de observação no campo de Calais, pretendo aliar complexidades iminentes a um processo ritual muito próprio de significações que se refazem no e pelo deslocamento e simultaneamente em prole de um sonho que fica por concretizar.

Se como Pedro Neto sugere: “O deslocamento não significa uma ruptura repentina com identidade(s) ou cultura(s) prévias e, embora represente uma condicionante, não invalida a possibilidade de produção de novo lugar.” (Neto, 2016: 129), até que ponto o percurso daqueles que se dirigem à Selva, não se encontra já condicionado por um contexto de “apartheid generalizado”, no seu sentido mais lato de separação com base na segregação de uma minoria. Que produções daqui advêm, que não arraigadas numa teatralização como forma(s) de contornar esta mesma lógica de exclusão?

Pretendo a partir da Selva interpelar narrativas já por si disfarçadas; comportamentos e discursos sujeitos na sua essência, a uma esfera de compartimentação e exclusão. (Que) processos e abordagens comportamentais como fruto de manobras estratégicas e actuações diversas.

1.3 MIGRAÇÃO, PROCESSOS IDENTITÁRIOS E ESTADO SOBERANO

The ideal-typical refugee is like a native gone amok

(Arendt 1973:302)

Pela sua complexidade inerente, a condição de deslocado implica uma abrangência de factores; viagens temporais, espaciais, culturais e identitárias e impactos à luz de uma instabilidade como facto social incorporado e inserido num novo paradigma vigente.

Hannah Arendt (1943) propõe no seu artigo “We Refugees” uma compreensão do conceito de refugiado como ponto de partida e proposta de uma nova consciência histórica em torno e a partir do mesmo.

Dada a alteração da ordem vigente perante a vaga migratória que chega à Europa, refugiados e migrantes sobressaem como problemáticas de segurança e preocupação em torno da mesma; destacando-se como ameaça iminente à estabilidade, questionando e perturbando os limites territoriais e poder soberano (também) neles inserido. (Malkki 1995a: 8, 1995b: 499).

Numa análise que propõe uma absorção mútua de indivíduos e viagens em relação simbólica rumo à Selva, mosaicos culturais, identitários e suas significações adquirem tonalidades específicas.

Ressalto identidades como dimensão fulcral de qualquer percurso individual ou em grupo, que num contexto de migração, devem ser atendidas nos processos em que se (re)formulam e narrativas nas quais se (re)constroem.

Se evoco por um lado identidades na sua complexidade iminente perante uma situação particular de dinamismo à luz de períodos indefinidos de exílio, por outro pretendo abranger que formatos e percursos as mesmas adquirem na Selva, segundo conotações estratégicas e máscaras deliberadas a que estão inevitavelmente condicionadas à partida.

Citando Hannah Arendt: “A refugee used to be a person driven to seek refuge because of some act committed or some political opinion held (...) Now “refugees” are those of us who have been so unfortunate as to arrive in a new country without means and have to be helped by Refugee Committees.” (Arendt, 1943: 2).

A minha abordagem, ao invés de generalizar o mesmo como uma única dimensão, prende-se com o ressaltar das particularidades que divergem de indivíduo para indivíduo, de

discurso para discurso, numa lógica de observação, relação e combinação das significações de cada um.

Vendo-se na necessidade de se enraizar a novo(s) espaço(s) aos quais não pertence, o refugiado faz uso de diversas manobras estratégicas como meio de sobrevivência, inserção e possíveis integração, reconhecimento e aceitação.¹⁶

Raízes e valores de uma terra natal deixada para trás, convertem-se em dimensões de uma comunidade moral imaginada¹⁷, num complexo processo de possível necessidade de abandono de identidade(s), associadas por sua vez no novo espaço de vínculo e a diferentes formas de (não)nacionalidade.

A propósito destas (re)construções e (re)adaptações identitárias e culturais, é de salientar uma dimensão daquilo que é apenas circunstancial; compreender qual é nesta lógica, o peso da(s) identidade(s) e qual o seu carácter, que se estende entre o deliberado e o fortuito. Que causas se interligam a opções ou falta delas, perante um rótulo interiorizado como estratégia de vida, que providenciará abordagens e caminhos mais ou menos fluidos, dinâmicos e possíveis.

Com vista a reflectir sobre contextos instáveis e agência adaptada aos mesmos, será interessante referir os conceitos de “navegação social”, *social navigation* e *dubriagem* elaborados por Henrik Vigh (2010), como lógicas de compreensão das formas de acção em contextos sociais que se revestem de circunstâncias incertas e dúbias.

Perante uma decisão de partida, viagem converte-se em terreno de possibilidades, através do uso de estratégias de carácter flexível que contrariam a turbulência e a instabilidade vividas e sentidas numa esfera de conflito, restrição e instabilidade.

Por oposição à categoria de vítima passiva legal e social em se insere, são dados pelo refugiado sentidos e significados de (re)habitação e (re)construção dos espaços, numa esfera dinâmica de mobilidade(s) articuladas e em relação com mecanismos sociais de que faz uso num âmbito de “dubriagem”, *dubriagem*. Vigh explora este último conceito na mesma linha

¹⁶ Lisa Malkki (1995) explora, a partir do caso de refugiados Hutu provenientes do Burundi a viver no campo de Mishamo ou na cidade de Kigoma. A autora explora o recurso a identidades múltiplas que permitam a fuga à categoria de refugiado. Num processo que a autora descreve como “estratégias de invisibilidade”, as mesmas são aqui evocadas como manobras identitárias de que os refugiados fazem como modo(s) que visam a aceitação e integração no(s) meio(s) europeu(s).

¹⁷ Michel Agier (2002), explora uma antropologia urbana inserida nos próprios campos, que se tornam referência espacial e simbólica, à luz de (re)constituições de comunidades morais e políticas. Memórias mantidas aliam-se a estratégias de manipulação de identidades em função do contexto em que o refugiado se vê inserido.

de pensamento que propõe com o termo “navegação social”, ou seja, os actos, mais ou menos motivados e articulados, acarretam inerentemente consigo significações diversas que, neste caso o refugiado utiliza como forma(s) de se “desenrascar”, segundo mecanismos de adaptação e moldagem que lhe permitam caminhar e (re)habitar. (Vigh, 2010).

Pensar estes processos de adaptação na Selva, passa por inserir os mesmos em lógicas de conflito e fricção e exclusão, em que dinâmicas e (re)construções identitárias evocam consigo (mais uma vez) níveis de manipulação ou mesmo invisibilidade e por conseguinte, de actuação num palco que instiga às mesmas.

Parece-me ainda necessário sublinhar neste processo, conceitos de cidadania e nacionalidade como actos de identificação e desenrolar de identidades, que se alteram e manipulam, ao longo de uma viagem subjectiva de mudança(s) de contexto físico, social, cultural e político.¹⁸

Na Selva era comum a existência de passaportes “falsos”, que indivíduos trocavam entre si e que não lhes pertenciam, como formas de demonstração de qualquer sinal de pertença, legalidade ou estatuto perante a sociedade francesa, com vista a não serem deportados.¹⁹

Identidade(s) fornecem não apenas uma consistência do indivíduo através dos tempos e lugares, como se encontram em relação iminente com determinados *status* legais.

Bakewell (2007) sugere processos (re)identitários ligam-se inevitavelmente a categorias formalizadas do estado para o estado, num aliar de forças de poder que evocam o refugiado como ameaça e convocam a sua diferenciação e separação de formas cada vez mais extremadas.

Com vista a reflectir acerca de todo este abrangente processo de mobilizações, (re)habitações e horizontes inseridos num mito específico que visa um novo início no

¹⁸ Ver Oliver Bakewell (2007), que se debruça nos significados dos documentos reveladores de identidade (ex. passaporte) e simbologias associadas. Estas marcas de identidade revelam ligações cruciais entre os indivíduos e instituições com as quais interagem, revestindo os indivíduos de certos estatutos.

¹⁹ Em “Metodologias de um (in)adaptado”, serão reproduzidas narrativas e discursos daqueles que habitaram a Selva. A questão da inexistência de documentação por parte destes indivíduos é proeminente como (mais uma forma de) revelação da sua pertença a nada mais do que o não-lugar. Perantes uma esfera de indefinição, o medo da deportação materializa-se em novas formas de contorno e actuação das identidades em si

*paraíso*²⁰, parece-me oportuna uma análise de um estado como agente de construção de identificações e categorizações, à luz de uma monopolização das forças legítimas, mas também simbólicas²¹. “This includes the power to name, to identify, to categorize, state what is what and who is who.” (Brubaker e Cooper, 2000: 15).

Por conseguinte, não só a mobilidade é tomada como disfuncional e disruptiva, como se depreende a construção de um sistema onnipresente arraigado no desenvolvimento de dispositivos de controlo da mesma. (Foucault, 2003[1975]).

Depreende-se um homem moderno inevitavelmente alicerçado a técnicas de controlo e mecanismos de poder, nos quais se insere a sua capacidade de ser vivente, que inclui em última instância a sua vida biológica.²²

Contemplar a Selva como materialização de dispositivo(s) de controlo contemporâneo, elucida-nos acerca de um corpo colonial moderno que se insere na mesma e que transporta consigo um leque de impossibilidades, tanto a nível físico e mental como cultural, social e identitário. (Foucault, 2003[1975]).

Inserido numa categoria de vítima despojada de quaisquer direitos que lhe é imposta e à qual não consegue escapar, não restam opções que não a participação num cenário viciado sobre o qual simultaneamente se dão actuações diversas com vista a contornar o mesmo.

Constata-se uma ordem emergente de cidadania como parte de uma lógica soberana, que detém consigo a autoridade máxima de incluir ou excluir.

Uma problematização das massas migratórias e sua inserção de forma generalizada nos campos de refugiados como solução a uma população temporariamente deslocada que aguarda realocação, converte-se num permanente estado de excepção. (Malkki, 1995b; Agamben 1998, 2006; Agier 2002).

²⁰ *Paraíso* era das palavras mais usadas pelos habitantes da Selva para se referirem ao Reino Unido. Encontravam-se nas condições miseráveis do campo, vivido como uma espécie de inferno, em prole de uma chegada a um paraíso simbólico

²¹ Brubaker e Cooper (2000) e Oliver Bakewell (2007), entre outros, exploram a complexidade de identidade(s) iminentemente relacionada com fenómenos de identificação e categorização. O estado soberano, como detentor das forças simbólicas de imposição das categorias em si, torna-se um identificador poderoso de identidades, segundo modos ou quadros por ele definidos.

²² Pensamentos de Giorgio Agamben (1995, 2005, 2006), Michel Foucault (1967, 2003 [1975]) e Walter Benjamin (2007[1969]), elucidam-nos acerca de uma vida em sociedade inerentemente inserida num contexto de biopoder. Ver estes autores (entre outros) a fim de compreender o corpo como a máxima do indivíduo que se insere em determinado sistema, que por sua vez, detém em si o poder de decidir acerca da sua vida de ser vivente.

O que se pretende, passa por aborver uma complexidade de processos que abranjam papéis e actuações diversas face a uma democracia que consigo capta a vida nua, à luz de uma crescente exacerbação de um apartheid generalizado.²³

²³ Ver Judith Butler (2002) e Anthony Butler (1998) ,entre outros, a fim de uma compreensão do biopoder e captação da vida nua inseridos num regime democrático, em que a democracia e o apartheid se encontram intimamente relacionados como um só

2 VIAGENS COMO RITUAL

*Oh as casas as casas as casas
as casas nascem vivem e morrem
Enquanto vivas distinguem-se umas das outras
(...)
As casas que eu fazia em pequeno
onde estarei eu hoje em pequeno?
(...)
Terei casa onde reter tudo isto
ou serei somente esta instabilidade?
As casas essas parecem estáveis
mas são tão frágeis as pobres casas
Oh as casas as casas as casas
mudas testemunhas da vida
elas morrem não só ao ser demolidas
(...)
Só as casas explicam que exista
uma palavra como intimidade
(...)
na casa sofri convivi amei
na casa atravessei as estações
Respirei – ó vida simples problema de respiração
Oh as casas as casas as casas*

Ruy Belo

Todos os Poemas (2014)

2.1 SELVA DE CALAIS

Importa referir que a Selva de Calais, como campo central desta abordagem não possui um perímetro exacto, definido. Faço das minhas as palavras de James Clifford: “(...) a location (...) is an itinerary rather than a bounded site – a series of encounters and translations.” (Clifford, 1997:11).

Neste sentido, o pretendido passará por contemplar a Selva como itinerário específico de ritual de passagem rumo a um propósito iniciático de sucesso no Reino Unido.

Desta mesma ritualização do mito, surgem narrativas produzidas que transporto para o papel, como conjunturas particulares que se cruzam e em simultâneo delimitam a minha análise, à luz de uma teatralização das mesmas que se debatem entre o não lugar como espaço de transição, os impactos e representações do mesmo para os indivíduos que nele habitam e os discursos políticos associados como símbolo de autoridade máxima.

Selva adquire duas significações que se complementam. Por um lado, a do campo de Calais como fenómeno particular. Por outro, a Selva num sentido lato do que a palavra acarreta consigo, em que a população que por lá passou, será conotada como massa incivilizada e perigosa, indesejada em qualquer esfera da sociedade.

Em primeiro lugar, pretendo convocar a palavra Selva como símbolo imediato de submissão de certos indivíduos a uma esfera de brutalização contemporânea. O nome do campo carrega consigo conotações de perigo, risco e incivilidade como características que se opõem às da cidade, onde os sujeitos se regem por normas e regras civilizatórias a fim de manter a estabilidade e a segurança quotidianas.

É-nos sugerida uma distinção abrupta que nos transporta para uma versão moderna do colonialismo, materializada num cenário real e simbólico de um jardim zoológico humano.²⁴ Habitantes da Selva, rotulados como ameaça primitiva indesejada, sujeitam-se a tratamentos biológicos amorais, que convocam o corpo como símbolo máximo de contemplação de uma nova era de violência e crueldade para com o Homem.

²⁴ O termo relata consigo atitudes culturais durante os impérios coloniais para com os povos não ocidentais, como animais primitivos e incivilizados. Evoco o mesmo numa era moderna em que os mesmos comportamentos de perfazem, à luz de uma esfera de segregação e tratamento de repulsa da massa migratória inserida na Selva

2.2.1 GEOGRAFIA SIMBÓLICA

Arraigada numa cartografia específica que se prende com a simbologia de uma viagem iniciática, a Selva de Calais surge como lugar de transição que se ultrapassa a si mesmo, pela complexidade de percursos e processos dinâmicos que, unidos por um mito comum, se alteram de narrativa para narrativa.

Ouvi falar da Selva como um dos maiores campos de refugiados ilegais na Europa. Sem saber muito (ou quase nada) acerca da sua história e evolução, apercebi-me de uma expansão diária da mesma no ano de 2014.

Ao chegar a Calais como voluntária independente, não foi difícil dar de caras com uma realidade de arame farpado de dimensões avassaladoras, em que o cenário se convocou de imediato para mim como problemático.

Uma espécie de portão anunciava a entrada do campo, onde se acumulava um sistema sui generis composto por diversos grupos de habitantes, forças policiais e inúmeros carros de patrulha em evidente alvoroço.



Fig. 2 Mapa dos lugares centrais da Selva (2015/2016)

À medida que caminhava pelos trilhos da Selva, dei-me conta das dimensões de heterogeneidade e diversidade nela existentes. À luz de uma morfologia particular de um lar temporário, o campo acarreta consigo uma simbologia de transição para um novo começo, denotada nos inúmeros locais de e em desenvolvimento (fig.4), que nos transportam para uma noção de quase urbano, na medida em que realidades fixadas no não lugar, adquirem um enredo de formas e dinâmicas próprias que nele coexistem.

Na dualidade do próprio espaço, torna-se inegável a manobragem de comportamentos, por um lado conotados de dinamismo, por outro como que parte de uma encenação própria, que evoca consigo a permanente componente dicotômica da Selva, como lugar que se localiza na cidade e simultaneamente, à parte dela, provido (apenas) de não cidadãos vitimizados em oposição à população nacional legalizada de Calais.

Condições infra-humanas de sujidade e falta de higiene contribuem como (mais) um factor de elucidação acerca de uma cartografia enraizada numa lógica deliberada de compartimentação de populações deslocadas, que se vêm alojadas em realidades absurdas que promovem consigo sentimentos de descrença e raiva, doenças diversas e uma fragilidade absoluta do indivíduo.



Fig. 3 Zona da Selva de tendas de habitação maioritariamente de populações provenientes do Sudão e Afeganistão

A figura 5 ilustra a precariedade do espaço, em que o chão de terra batida e a lona como habitação perfazem um dia a dia plantado na inexistência das necessidades básicas. Em forma de acampamento que se vê cercado e controlado pela polícia francesa como figura de autoridade, a Selva carrega consigo conjunturas físicas e simbólicas de exceção.

A própria situação geográfica da Selva deve aqui ser evocada como particularidade, já que simboliza consigo o início de um percurso rumo ao mito do sucesso. Como porta de entrada para o Reino Unido, é nela que se amontoam indivíduos, grupos e comunidades subordinadas às condições mais degradantes quase como etapa alegórica a passar a fim de atingir o propósito de um novo início.

Um quotidiano conotado pela inevitável estagnação, convoca a Selva como processo duradouro de exclusão e segregação, em que uma fase de transição transporta consigo uma dimensão temporal indefinida que não (mais) atende à viagem iniciática a que indivíduos nela presentes (em tempos) se propuseram a acreditar.

A ritualização de um mito que passa pela (sobre)vivência neste campo particular é confrontada com a realidade de um território de controlo estandardizado de massas, que nos elucida acerca de uma não aceitação generalizada das mesmas, presas a uma categoria irrevogável de população incivilizada pertencente à Selva.

3 METODOLOGIAS DE UM (IN)ADAPTADO

Desprender-se de tudo ou quase tudo, renunciar a tudo ou quase tudo, significará que, agora, não somos de “nenhum lugar”, que já não respondemos a nada e a nenhum nome?

E o que é a liberdade, se não pudermos romper verdadeiramente com este acidente, que é o facto de ter nascido em algum lugar – a relação de carne e osso, a dupla lei da terra e do sangue?

Como é que este acidente assinalará de maneira tão irrevogável quem somos, como somos conhecidos e por quem nos tomam? Porque determinará de modo tão decisivo aquilo a que temos direito, e tudo o resto – a soma das provas, dos documentos e dos comprovativos que sempre serão precisos para esperar ter o que quer que seja, a começar pelo direito de existir, o direito de estar lá onde a vida afinal nos leva, passando pelo direito de circular livremente?”

Achille Mbembe

Políticas da Inimizade (2016)

Histórias na primeira pessoa darão forma a (que) representações e significações da Selva por parte dos que por ela passaram.

Vidas que produzem narrativas particulares arraigadas no mito são aqui passadas para o papel com o intuito de cruzar, absorver, interpelar e comparar informação que transporta consigo certas linhas de pensamento heterogêneas e simultaneamente comuns na dualidade entre o mito simbólico e o percurso real.

Como anatomia de viagens iniciáticas, personagens espaciais e sociais colocadas entre margens, dão-se a conhecer para lá do silêncio imposto da sua condição, à luz de uma dimensão temporal específica de permanência temporária.

Se o meu papel como observadora participante na Selva se cruzou com agentes diversos e suas narrativas, importa nunca esquecer a singularidade de cada informador como factor chave na interpretação de experiências e (re)existências ao longo de trajectórias que detêm consigo simbolismos próprios de uma realidade na mesma como etapa prévia de um novo começo.

Segundo mecanismos e caminhos distintos, que riscos transportam um percurso comum fragmentado como desenho de um novo atlas internacional, tanto físico quanto metafórico. (Que) estratégias e linhas de partida evocam consigo um mapeamento específico de uma viagem que contempla um propósito de início, que reporta discursos que se perfazem entre o íntimo e o universal.

Musa Ismael, 25 anos, Sudão do Sul

A Europa é como se fosse uma madrasta. No Sudão havia tristeza e guerra, e de novo tristeza. Na viagem para cá, Calais simbolizava uma esperança, um caminho de felicidade para muitos de nós.

Ah, o caminho! Feito sem estradas definidas. Foi uma luta incerta. Pelo deserto, pelos rios e oceanos (...)

Aqui na Selva, abriguei-me, na esperança de conquistar uma nova pátria, um património no Reino Unido.

Oh, mas parece impossível! (...)

As vezes que saí da Selva, fui olhado de lado. Acho que os franceses não gostam de nós. Vai ser difícil. O Reino Unido está cada vez mais longe, onde tudo seria mais fácil.

Não sei o dia de amanhã, mas isso já não me assusta tanto (...)

Não sei notícias dos meus pais há... quantos anos? Já lá vão alguns...

Arranjei uma nova família na Selva. É que... precisamos de alguém, um grupo, alguém. Que passe pelas mesmas dificuldades, que nos apoie.

Fecho os olhos e lembro-me... de quando vinha da escola com os meus irmãos. Era um momento da rotina bom e importante, porque estávamos todos juntos. Tenho oito irmãos. Dois morreram, outros tentaram fugir como eu, mas ah! Naquela confusão, não sei onde foram parar. Rezo para que estejam bem, Insha 'Allah.²⁵

Abdulazim, 17 anos, Sudão do Sul

Estou na Selva há cinco meses. Parece que vivemos aqui há uma eternidade...

Quando fui informado de que seria enviado para uma casa no centro de Calais para estudar e aprender francês não fiquei contente. Estou na Selva para partir para o Reino Unido, onde por ser menor, sei que vou ter ajuda e regalias.

Nem França nem Inglaterra nos querem, então prolongam-nos nesta vida que não é vida para ninguém.

²⁵ A expressão árabe significa “Se Deus quiser” ou “se Alá quiser”, evocando significações de esperança em relação a acontecimentos de assim for a vontade de Deus

Estive em Calais uma semana, e voltei para a Selva. Agora é esta a minha casa. Na cidade senti-me muito triste e sozinho. Na escola não falavam comigo, excepto a professora, era simpática e disse-me que queria muito visitar o Sudão um dia. Gostava de lhe mostrar o meu país, mas sem guerra e confusão, só as partes boas...

Disseram-me que me davam 150 euros por mês. Pareceu-me bom, porque era dinheiro, mas rápido percebi que não chegava para muito.

Quando fui ao supermercado, não me quiseram deixar entrar, por ser... disseram arruaceiro? Ou por ser preto, talvez.

Aqui na Selva ser preto é normal, e eu sinto-me melhor, até consigo lembrar-me da minha verdadeira casa, muitas, muitas vezes.

Chibly (nome que adoptou após a sua fuga do Sudão, nunca soube o seu nome verdadeiro), 18 anos

Ontem, já bem de noite, tentei fugir para o Reino Unido. Ah! É o mesmo todas as noites... Tentamos fugir de tantas maneiras... mas acabamos sempre de volta à Jungle.

Não tenho documentos, porque o traficante do barco que me trouxe os atirou ao mar. A polícia já sabe, já conhece a minha cara. Mas fazem-me sempre a mesma pergunta, se eu tenho passaporte. Eu respondo que não, e sorrio na esperança de me deixarem ir sem ninguém ver. Sem passaporte, volto para a Selva!

Tenho amigos no Reino Unido que me dizem que lá é mais fácil viver. Há mais oportunidades.

Aqui não há oportunidades. Vivemos como animais, e estou cansado. Tenho saudades de casa. França não gosta de nós. Quando oiço no rádio da Belgium Kitchen²⁶ aqueles presidentes falar, sinto que não gostam mesmo nada de nós. Se eu fosse presidente, oh! Era diferente...

Ontem a polícia bateu-me muito. Mais do que o habitual. Talvez seja por já ter tentado tantas vezes fugir daqui. Mas vou continuar a tentar.

Um dos voluntários levou-me ao hospital, mas não o quiseram deixar entrar.

Fui para uma sala, onde uma médica francesa olhou para mim com cara feia...

²⁶ A Belgium Kitchen era um dos locais da Selva onde voluntários, refugiados e migrantes trabalhavam em conjunto nos jantares do campo. À base de donativos e doações, era todos os dias cozinhada uma refeição para cerca de 2000 pessoas

Disse-me que se eu era refugiado, não me ia tratar. Doiam-me os joelhos, muito, tentei dizer-lhe que não conseguia andar.

Perguntou-me de onde eu era, e quando disse que era do Sudão, ela disse para eu voltar para lá e que me tratasse lá...

Oh! Secalhar devia ter ficado no Sudão. Às vezes penso se não parti em vão...

Ibrahim, 40 anos, Sudão do Sul

Vim para a Europa para fugir à violência. Mas também porque sei que aqui há mais oportunidades.

Fiquei sem os meus pais, tomava conta deles. Então decidi partir como outros que faziam o mesmo.

Todos os dias nos dizem que a Selva vai acabar. Não sei para onde vou, não me dizem. Ah, esta indefinição! Tenho medo de ser mandado de volta, mas também tenho medo de ficar aqui, porque não sei para onde vou. O Reino Unido é o meu sonho, mas já acho que não o vou concretizar.

Começo a pensar que vou viver assim, até ao fim dos meus dias.

[Dias mais tarde]

Hoje queimaram uma parte da Selva. A minha tenda ardeu. Foi a meio da noite, também sentiste? O cheiro a fumo e a suor. A carne queimada. Não sei se alguém morreu, mas eu morri um bocadinho mais cá por dentro...

Agora durmo sentado neste pau de madeira. Quando olho para o céu, lembro-me de casa. Mas lá havia mais estrelas...

Queres cantar o Odaná²⁷? Faz-me ficar feliz, cantar contigo. És minha amiga, não és? És a minha melhor amiga, mas agora vais voltar para Portugal, e eu não sei para onde vou. Já nem sei se quero ir para algum lado.

Tirei engenharia. Lembras-te? Conte-te isto no primeiro dia que aqui chegaste. Lá no Sudão tinha um bom trabalho.

²⁷ Odaná é uma canção típica do Sudão. Nos meses que vivi na Selva, era comum juntarmos-nos em grupo à noite e cantá-la. Numa aura de saudades e nostalgia, vários sudaneses faziam deste momento um orgulhoso rito de lembrança de casa

Mas agora gostava de abrir uma organização que ajudasse refugiados como eu, ou jovens sem pais e família, que possa dar apoio...

Henok, 33 anos, Eritreia

Antes via a Selva como um mal necessário, sabes? Teria de ficar aqui uns dias, oh! Quantos dias já passaram? Perdi a conta...

Vivo aqui há... três anos?

Rezo a Deus, porque tenho fé nele. Porque me pôs neste caminho? A mim e a todos estes homens...parti em busca do Reino Unido. Agora parece que nunca vou lá chegar

Crazy Afeghan, (nome pelo qual se apresentava, nome verdadeiro Abdul) 18 anos, Afeganistão

A polícia chama-nos nomes feios muitas vezes. Isso irrita-me. Quero bater-lhes, muito. Insulto-os, porque eles me insultaram a mim primeiro. Eu também tenho uma voz!

Mas acaba sempre da mesma maneira, eles a espancar-me a mim. Dizem que somos violentos, mas quem nos vem atizar são sempre eles. Nós estamos cansados e descrentes. Estou raivoso, já não tenho nada e ainda me chamam este tipo de coisas. Já não me doem as feridas, mas dói-me muito cá dentro.

Mossul, 20 anos, Afeganistão

Nasci no Afeganistão, sou afegão. Mas desde o momento que fugi do meu país, tornei-me aos vossos olhos, uma vítima sem mais nada. Na Selva contamos todos como um. Somos todos refugiados.

Abdul Rahman, 26 anos, Eritreia

A maior parte de nós chama a Selva de casa. Esta é a nossa casa, porque o Reino Unido não nos quer, e agora não sabemos para onde ir. A verdade é que tudo é diferente. Tudo é sujo, há ratazanas por todo o lado e muitos estão doentes.

Muitos estão perdidos. Eu tenho a sorte de ter conseguido trazer comigo o meu irmão. Viemos procurar uma vida melhor.

Tento fazer coisas durante o dia para não estar parado. Estar parado é mau, porque ficamos a pensar num amanhã que não sabemos qual vai ser.

Agora sou professor na Jungle Books.²⁸ Esta é a minha profissão. Tirei o meu curso em inglês, sou bastante bom e acho que posso ajudar outros que vão precisar desta ferramenta na Europa.

Dono de um dos restaurantes da Selva, “The Three Idiots” (preferiu que eu não colocasse o seu nome) 55 anos, Afeganistão

Sou um homem de ideias fixas. Quando abandonei o Afeganistão, prometi a mim mesmo que abria o melhor restaurante de comida afegã no Reino Unido. (Sou cozinheiro).

Acabei por realizar esse projecto aqui na Selva. Já cá estou há três anos e não sei quando irei sair. Todas as noites tento fugir, mas sem êxito.

Sinto agora que a minha missão é fazer boa comida para os que aqui estão.

Sonho em ir para o Reino Unido, mas a cada dia que passa, acredito menos nisso.

Temos que nos contentar.

Mohamed, 40 anos, Kurdistão (turco)

Quando saímos, deparamo-nos com outro mundo. Outras perspectivas, outras ideias, outras pessoas. Mas antes de tudo, foi maldade que vi. Medo de morrer, constante.

²⁸ A Jungle Books era como que uma escola inserida no campo. Um lugar de aprendizagem, leituras, aulas de inglês e francês, em que voluntários e habitantes da Selva trabalhavam em conjunto com livros e materiais escolares doados

Quando fugimos para a fronteira com a Turquia, fui apanhado e torturado. Só queria proteger os meus filhos.

Ah! Depois a viagem. A viagem até aqui foi uma luta diária pela sobrevivência. Contaram-me que era duro, mas nunca sabemos o quão duro até sentir na pele. Muitos ficam pelo caminho.

Num traçar entre o real e o imaginado, novos simbolismos de mundos e comunidades cruzam o passado a um encontro com um futuro, que permanece á quem dos sonhos e projecções idealizados.

Refugiados/migrantes da Selva assumem conjunturas simbólicas e reais sob (que) vestígios de cicatrizes de vivências muito singulares.

O fosso entre o mito e a realidade denota-se abrupto e cada vez mais promissor de uma vida de exclusão, apelando consigo novos enredos que se prendem com a desilusão e diversas frentes de batalha(s) permanentes.

De discursos individuais particulares, identifico uma séria de configurações comuns que pretendo deslindar.

A população diversificada em (co)habitação na Selva, convoca consigo uma ideia geral de viagem iniciática na mesma, rumo a um mesmo destino comum, o Reino Unido.

Como campo de refugiados muito particular, está nele subjacente o mito e uma ritualização do mesmo, através do qual se desenvolvem e produzem narrativas que o transportam inerentemente consigo.

Se evoco na minha abordagem uma teatralização óbvia das experiências, a mesma enquadra-se e insere-se numa projecção de um futuro específico que os habitantes da Selva visam tomar a todo o custo.

As suas existências e vivências alicerçadas no limbo destacam-se na Selva, como antro de condições infra-humanas absurdas em que a violência, os maus tratos e a discriminação perfazem um quotidiano por que muitos passam em prole da concretização do sonho pelo qual escolheram partir.

A decepção iminente perante a não realização do mesmo, convoca física e alegoricamente, figuras, discursos e acções de autoridade máxima que contrastam com a nulidade máxima a que o habitante da Selva se sujeita, como indivíduo não pertencente de forma alegórica a nada mais do que o não lugar.

Se a Selva se caracteriza como lugar particular de rejeição e diferenciação, aqueles que por ela passam, iminentemente identificados como massa incivilizada, justificam uma permanência banalizada de realidades hostis. Tais dinâmicas transportam-nos para uma esfera de apartheid não só generalizado, como deliberado, que se materializa no campo à luz de uma versão de compartimentação e não aceitação muito próprias.

A percepção de vidas que produzem narrativas arraigadas na viagem como ritual, invoca o debate das mesmas com uma categoria imposta à partida. Estratégias de agência e actuação aliam-se a um território específico, para dele partir rumo ao Reino Unido, como sonho comum de novo início, a que desesperadamente já só querem chegar.

Discursos que se tocam em lugares metafóricos comuns prendem-se inevitavelmente com realidades de (des)ilusão; que viagens como ritualização de um mito parecem ter sido em vão, à luz de um propósito de sucesso que se vê afastado a passos largos da sua concretização.

4 ARQUIVOS COMO (I)MORAL

*Casa branca em frente ao mar enorme,
Com o teu jardim de areia e flocos marinhas
E o teu silêncio intacto em que dorme
O milagre das coisas que eram minhas.*

*A ti eu voltarei após o incerto
Calor de tantos gestos recebidos
Passados os tumultos e o deserto
Beijados os fantasmas, percorridos
Os murmúrios da terra indefinida.*

*Em ti renascerei num mundo meu
E a redenção virá nas tuas linhas
Onde nenhuma coisa se perdeu
Do milagre das coisas que eram minhas.*

Sophia de Mello Breyner Andresen

Poesia (1944)

3.1. COLONIALISMO MODERNO

À luz de uma institucionalização da desigualdade, importa nesta fase abranger que facetas e discursos políticos se associam à Selva, e (que) relação da mesma com uma França democrática.

Se convocamos o campo como instrumento de controlo arraigado numa soberania que prende consigo uma permanente distinção entre “nós” e “eles” como símbolos de inclusão e exclusão, um quadro político contemporâneo revela uma compartimentação levada ao extremo na qual o conceito e realidade(s) da Selva se inserem.

Neste sentido, uma lógica reflexiva em torno de um projeto francês que contraria os seus ideais de “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” apela a meu ver a uma versão moderna do colonialismo na (e para lá da) Selva.

Parece-me oportuno pensar a história do colonialismo e sua modernização nos dias de hoje face a configurações de segmentação e distinção que o próprio promove, tanto física e geograficamente, como a níveis simbólicos e metafóricos.

Absorver actuações coloniais passa de forma inevitável por olhar alterações e desencadeamentos profundos que em modo de analogia, vemos materializados na actualidade em fenómenos de permanente divisão, sob os quais a autoridade francesa detém em si o poder de repressão brutal de uma população particular tida como massa incivilizada e perigosa.

Um período colonial caracterizado pelo clima hostil arraigado nos conflitos de várias ordens, evoca uma ideologia semelhante na actualidade que emerge em torno de modelos e abordagens políticas de um novo mundo segmentado que pretendo denunciar com especial ênfase em França.²⁹

²⁹ Ver Sjavaoj Zizek para uma percepção de uma crise actual migratória que se depara com políticas e discursos europeus arraigados numa esfera de colonialismo moderno ou neo-colonialismo. Do mesmo advém a denuncia de um imperialismo/hegemonia ocidental que tende a convocar consigo uma contínua divisão e compartimentação, tanto geográficas quanto simbólicas. Consultado em 11.08.2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s5PigZzSAJo&t=6s>

3.2 DISCURSOS POPULISTAS E NACIONALISTAS

À luz de uma soberania que se auto-promove sob diversos mecanismos de controlo e institucionalização dos mesmos, nota-se numa Europa de ideais democráticos, a emergência evidente de discursos e partidos populistas e nacionalistas nos últimos anos, como resposta um movimento migratório global.

Esferas de conservadorismo e incompatibilidade caracterizam uma nova cartografia em que, se por um lado, massas migrantes constituem uma proporção crescente da população europeia, a mesma denota-se contrariada e negada por políticas de anti-imigração, discursos populistas e emergência de um radicalismo quotidiano.³⁰

Contemplar um cenário francês em particular configura-se como (mais um) simbolismo de como que uma doença análoga a toda a Europa, sob um *continuum* de regimes fronteiriços reais e metafóricos e por conseguinte, distinção abrupta entre aqueles que estão dentro, e dos que se encontram fora.

Convoco a Selva como materialização particular desta fissura clara. A mesma invoca um regime divisório particular que compõe a existência de dois espaços distintos na cidade de Calais. Um habitado pela população legal civilizada, outro que emerge como não lugar extraterritorial, dirigido às massas ameaçadoras e indesejadas.

Importa aliar uma emergência de discursos populistas xenófobos em França como representação directa de políticas e atitudes de anti-imigração, em que medidas de segurança providenciadas, se tocam inevitavelmente com uma esfera de diferenciação e exclusão acentuadas de populações deslocadas mantidas como categoria.

Autoridades e vulnerabilidades máximas como extremos que se tocam, elucidam-nos acerca de uma esfera de apartheid generalizado, em que a Selva se torna concretização da mesma.

Se a eleição de Emmanuel Macron³¹ pode ser tida como uma manutenção de França como arquétipo do símbolo global de democracia que sempre foi, a mesma não anula a

³⁰ Mathias Czaika e Armando Di Lillo (2017) abrangem atitudes anti-imigrantes que se alastram por toda a Europa. Por um lado, que mudanças globais uma crise de migração convoca consigo. Por outro, que respostas europeias arraigadas em ideais xenófobos se difundem em dimensões espaciais e temporais na actualidade (e seus impactos)

³¹ O presidente francês foi eleito no ano de 2017, em oposição a Marine Le Pen, candidata de extrema direita

existência de nacionalismos exacerbados, tanto dentro como fora do país³², à luz de uma Europa que se expande em ideais de xenofobia e exclusão agravados.³³

3.3 QUE APARTHEID GENERALIZADO?

Num sentido lato de apartheid referido anteriormente, é na Selva que se perfaz um regime de separação e segregação dos habitantes deste campo particular.

Contemplar a Selva como atentado simbólico aos ideais de um projecto francês talhado em dimensões democráticas de liberdade, evoca consigo uma esfera de apartheid contemporâneo que promove uma institucionalização deliberada da desigualdade.

Uma dimensão espacial torna-se elemento fulcral de compreensão e absorção de um novo mapa real e metafórico de delimitação e inúmeras esferas de divisão, já que diferentes lugares nos elucidam acerca de significações distintas de pertença e não pertença, inclusão e exclusão, “nós” e “eles”.

A Selva de Calais, em que se amontoam populações migrantes e refugiadas em condições infra-humanas, insere-se nesta mesma lógica dual do(s) espaço(s) contemporâneos. Se uns pela autoridade, se apropriam da mesma e a convertem em não lugar, separado e afastado da cidade, a outros está destinado o espaço selvático como revelação da sua condição perigosa e indesejada.

Perante uma decisão de partida para Calais que nos elucidam acerca de um chamamento muito próprio, a Selva convoca-se como destino simbólico arraigado numa lógica temporária que embate com uma condição de compartimentação permanente na e para lá dela, à luz de um apartheid generalizado que deslinda um sistema ocidental fracturado de contínua divisão. Por conseguinte, enuncio a Selva como fenómeno que se prolonga muito para além da mesma, o que reflecte uma lógica transversal de não pertença.

³² Enuncio o Brexit como uma denúncia de emergência de um nacionalismo exacerbado. Esta medida encontra-se em relação directa com França, já que os movimentos migratórios em direcção à mesma têm um propósito específico de daí, partir rumo ao Reino Unido. Perante um mito que não se concretiza, e à luz de uma generalização de ideias de exclusão por diversos regimes europeus, convoco um paradigma de apartheid comum actual que se tende a expandir em fenómenos de não integração arraigados numa história europeia de dimensões apocalípticas

³³ Importa notar como informação factual de dimensões de exclusão agravadas na Europa e numa esfera ocidental, a proliferação de regimes conservadores nacionalistas, como são exemplos os governos eleitos na Hungria ou na Polónia e mais tarde, nos Estados Unidos (entre outros)

Noções físicas e simbólicas de exclusão iminentemente associadas à vivência e pertença ao campo, são transportadas e representadas no seu momento de encerramento.³⁴

Actos de violência física e psicológica perfizeram um abandono da Selva em que indivíduos que nela habitavam foram sujeitos a tratos abusivos que acentuam uma animalização dos mesmos, que perdura como simbologia de uma população iminentemente marginalizada.

Um panorama que me chocou particularmente foi o cenário dos veículos que se destinavam a levar grupos de migrantes/refugiados para destino incerto, “uma qualquer cidade de França”.

Sem qualquer conhecimento do destino para onde eram levados, o que gerou níveis de desconforto, medo e incerteza elevados, à medida que entravam nos autocarros a mando da polícia francesa, os indivíduos depararam-se com assentos totalmente cobertos de forma a que não estabelecessem contacto corporal directo com os mesmos.

Tal fenómeno sugere novamente uma evidência de um contexto biopolítico iminente explorado por Giorgio Agamben (1995, 2005, 2006), Michel Foucault (1967, 2003 [1975]); uma categorização dos que não mais pertencem à Selva, como seres selváticos, sujos e perigosos, arraigados única e exclusivamente a uma condição imersa no que a própria palavra transporta consigo.

À luz de um despojamento abrupto, percursos particulares acarretam consigo não só um processo ritual não concretizado, como uma categoria iminente de excluídos, à luz de um apartheid que se prolonga nos espaços, sob percursos iminentemente contaminados por uma lógica contemporânea em que muros e barreiras, tanto físicos quanto alegóricos, se tornam elementos-chave de um novo mapa europeu e global.

Se poderíamos contemplar o encerramento da Selva como abertura, por tudo o que este campo particular reflecte enquanto interpretação de uma versão moderna colonial, narrativas produzidas após o abandono do não lugar, convocam consigo uma permanência de inexistências e linguagens estéreis na chegada a espaços urbanos que denotam tipologias de distinção que se inserem na(s) lógicas de apartheid interpeladas acima.

³⁴ Após vários anúncios, no ano de 2016, a Selva é encerrada e desmantelada em poucos dias de forma abrupta. O tratamento dos habitantes da mesma sugere uma manutenção do rótulo dos mesmos como seres perigosos e indesejados, mesmo fora desta esfera espacial, o que denuncia uma lógica de apartheid generalizado, não só na Selva, como para lá da mesma.

Importa notar que, se na Selva estabeleci relações diversas, mais ou menos próximas, num papel específico de observadora de percursos particulares arraigados no mito, o abandono da mesma invocada consigo novos panoramas e cenários que depreendem uma dispersão associada.

Faço das palavras de James Ferguson as minhas: “I knew my informants in the way most urbanities know one another: some quite well, some only passing, others in special purpose relationships that gave me detailed knowledge of some areas of their lives and almost none of others.” (Ferguson 1999, *apud* Neto 2016, p. 20).

Não obstante, parece-me apropriado, numa lógica de apartheid contínua nos espaços e nos tempos, inserir conjunturas da mesma no espaço urbano e evocar uma (nova) teatralização óbvia das experiências, como resposta a este panorama generalizado de segregação e diferenciação.

3.4 O MITO DE SUCESSO NÃO CONCRETIZADO

Se indivíduos que se dirigem à Selva transportam consigo um propósito específico, sujeitando-se às condições infra-humanas do campo em nome do mesmo, que mecanismos adoptar quando o mito de sucesso não se concretiza, à luz de um Reino Unido que fecha as suas portas, um governo francês que exerce o desmantelamento de um ponto estratégico de entrada no mesmo e um novo deslocamento repentino para espaços urbanos como nova realidade desconhecida.

À luz de um jogo viciado referido deste o início desta dissertação como cenário de fundo, contemplamos não mais do que narrativas de encenação que detêm como palco territórios europeus que perfazem um apartheid continuado.

O refugiado/migrante como personagem a quem é dado um papel específico de vítima incivilizada pela Europa, representa o mesmo sob (não mais que) contextos manipulados.

Uma teatralização óbvia das experiências é denotada a partir do momento em que habitantes da Selva são despejados de forma *sui generis* pelas ruas de inúmeras cidades francesas.

Perante nova indefinição inserida numa aura de marginalização, que se alia ao mito de sucesso não concretizado (nem em vias de o ser num futuro próximo), que alternativas que não o contracenar com uma personagem europeia que detém consigo o poder hegemónico de

decisão acerca de (que) indivíduos (não) incluídos e aceites pelo estado se inserem e definem (exclusivamente) em categorizações e rótulos impostos à partida.

.

5 ERRO PERMANENTE

Searching for some content

to be mistaken for validation, to be mistaken for worthiness,

to be mistaken for porpose, to be mistaken for identity,

to be mistaken for recognition, to be mistaken for status,

to be mistaken for power, to be mistaken for wealth,

to be mistaken for beauty, to be mistaken for success,

to be mistaken for competence, to be mistaken for accomplishment,

to me mistaken for happiness³⁵

³⁵ Esta citação de autor anónimo foi lida num cartaz do festival Iminente. Coloco-a aqui no sentido de reforçar vivências em sociedade arraigadas no rótulo e na categorização. Uma hegemonia ocidental que promove os seus ideias, valores, e ritos como os certos, convoca (mais) uma forma de apartheid para com aqueles que não vão de encontro aos mesmos. No caso específico desta dissertação, populações deslocadas inserem-se numa categoria exclusiva de vítima como ameaça, o que retrata de forma clara uma constante incompatibilidade para com as mesmas e indesejabilidade de as vir a conhecer

Uma abordagem focada em viagens rumo à Selva e num mito não concretizado com o desmantelamento da mesma, enraíza-se num paradigma de apartheid contemporâneo que elucidado como palco de representações e actuações de populações deslocadas.

Por conseguinte, um sistema ocidental inerentemente fracturado face a problemáticas emergentes foi explorado à luz de especificidades físicas e simbólicas na e a partir da Selva de Calais, em que processos como ritual formam narrativas particulares.

Pretendo nesta etapa deslindar o mesmo segundo uma análise das problemáticas sob interpelações literárias e pensamentos actuais que vão de encontro a encenações e percursos dinâmicos descritos e explorados anteriormente.

Parece-me interessante, formular algumas linhas gerais que captem em simultâneo, discursos actuais de barbarismo, uma complexidade da era migratória vigente e (falta de) resoluções, que elucidam quadros contemporâneos de contínua compartimentação e divisão.

5.1 MUROS COMO SIMBOLOGIA MÁXIMA DE UMA ERA ACTUAL

Perante um quadro transversal de (i)mobilidades físicas e alegóricas transparecidas em eixos de separação e divisão no seu apogeu, refugiado/migrante é uma concretização das mesmas, à luz de crescentes mecanismos e dispositivos de segurança que se cruzam numa denúncia de um apartheid contemporâneo.

Muros que se erguem como símbolo máximo dos espaços de uma era moderna actual, transportam uma cartografia específica arraigada em configurações de controlo e uma proliferação iminente de fronteiras físicas e simbólicas face a populações deslocadas.

Campos evidenciam-se como materialização de uma lógica particular de “fronteiras de arame farpado”³⁶ destinadas a aqueles que o poder soberano criminaliza deliberadamente e

³⁶ Ver Achille Mbembe (2016) no seu livro *Políticas de Inimizade* que aborda temáticas actuais em torno do estigma a que o indivíduo estrangeiro se vê sujeito. À luz de uma hostilidade própria da modernidade, emerge um erguer de fronteiras de arame farpado como simbologia de uma inscrição específica de populações deslocadas como excluídas e, portanto, pertencentes a nada mais do que a espaços contemporâneos delimitados por vedações de ferro

detém como indivíduos ameaçadores, condicionados a espaços claramente distintos dos restantes que compõem uma sociedade democrática civilizada.³⁷

Se fronteiras carregam consigo dimensões heterogéneas e complexas iminentes, podemos constatar (que) elementos, ideias, interações e identidades estabelecem com um sistema de proliferação das mesmas, uma relação particular de mútuas influências e impactos: “A relação simbiótica entre identidade e fronteira parece incontestável: as fronteiras criam identidades e as identidades criam fronteiras” (Bourdieu 1994; Flynn 1997; Brambilla 2007; Neto 2016).³⁸

Parece-me interessante uma analogia directa com a Selva, como campo extraterritorial que se opõe ao espaço urbano e, que, por conseguinte, é conotado como selvático e perturbador.

Numa consolidação do poder soberano pela apropriação do(s) espaço(s), emergem entidades não incorporadas nas estruturas urbanas socioespaciais e, por conseguinte, excluídas real e metaforicamente das esferas da sociedade. Isto é: “(...) social space is thus inscribed in the objective nature of spatial structures and in the subjective structures that partly emerge from the incorporation of these objectified structures. This applies all the more in so far as social space is predestined, so to speak, to be visualized in the form of spatial schemata, and the language usually used for this purpose is loaded with metaphors derived from the field of physical space.” (Bourdieu, 1991, *apud* Prigge, p. 46).

5.2 FENÓMENOS “NECROPOLÍTICOS”

Numa época actual que se prefaz de muros e fronteiras hostis, convoco o conceito de “Necropolítico”, *Necropolitical* explorado por Achille Mbembe (2003). Isto é, o uso de poder para ditar lugar de excepção como espaço de decisão de vidas que merecem (ou não) ser

³⁷ Ver Wendy Brown (2010), que denuncia um poder soberano que detém em si capacidades de distorcer direitos fundamentais, como os direitos humanos e criminalizar indivíduos inocentes à luz de uma soberania desmoronada que convoca a emergência de muros e paredes

³⁸ Abordar uma proliferação de fronteiras não apenas no sentido físico, como no metafórico, abrange consigo uma heterogeneidade de significados, ideias e interações. O foco dado à relação simbiótica das mesmas com a(s) identidade(s), pretende ir de encontro a percursos identitários encenados por parte do refugiado/migrante perante dimensões fronteiriças instauradas pela Europa. Populações deslocadas tentam contornar, manipular(-se) e teatralizar as experiências em prole do escape a permanentes fronteiras e muros reais e simbólicos nos tempos e nos espaços (mencionados em particular nesta dissertação) da Selva e para lá dela

vividas à luz de uma indignidade de tratamento deliberada daqueles que são excluídos da esfera da norma e da inclusão.³⁹

Recorro à génese do campo de refugiados como expoente máximo de realidades de excepção, que por sua vez, convocam fenómenos “necropolíticos” iminentes.

Nas palavras de Liisa Malkki: “No rescaldo, as massas deslocadas seriam encaradas como um problema militar, burocrático, sanitário e de segurança. Ironicamente, seriam os campos de concentração nazis e outros campos militares a congregar as populações deslocadas enquanto aguardavam realocização. Estava assim trilhada a form(ul)ação do actual “campo de refugiados”.” (Malkki 1995b, *apud* Neto 2016, p. 106).

A Selva, destacada ao longo desta abordagem etnográfica como materialização actual de controlo de uma problemática migratória, convoca uma mesma lógica “necropolítica” de subjugação da vida ao poder da morte, sujeitando os que nela habitam como indivíduos não apenas inseridos, mas embebidos em lugar(es) “(...) in which the most absolute condition inhumana ever to appear on Earth was realized.” (Agamben 1995, *apud* Mbembe 2003, p. 12).

Particularidades do campo de Calais evocam-no como lugar de condições infra-humanas detidas por uma autoridade máxima, uma realidade soberana, na qual reside em última instância, o poder de decisão acerca do domínio da vida (ou da morte) como manifestação directa de poder: “To exercise sovereignty is to exercise control over mortality and to define life as the deployment and manifestation of power.” (Mbembe 2003: 12).

5.3 CRIMIGRAÇÃO

À luz de uma institucionalização da desigualdade numa época de migração e problemáticas associadas, parece-me oportuno explorar o conceito de “crimigração”, *crimigration*,⁴⁰

³⁹ Consultar Achille Mbembe (2003) “Necropolitics” e Giorgio Agamben (2005)

⁴⁰ Juliet Stumpf (2006), aborda fenómenos migratórios directamente relacionados com a criminalidade e o poder e controlo soberanos. O desenvolvimento de leis de imigração e criminalidade tocam-se como meio de exclusão contemporânea, demarcando a expansão de grupos *outsiders* aos quais são negados os privilégios que decorrem da esfera da cidadania. Por conseguinte, migração e criminalidade convergem numa crise de “crimigração” que denuncia uma banalidade da exclusão justificada pelo olhar de ambas com um só. Refugiados inserem-se nestas comunidades segregadas

contemplado por Juliet Stumpf (2006) como ferramenta de controlo que se suporta no preconceito e na intolerabilidade.

Uma esfera de apartheid generalizado denotado em espaços como o campo de refugiados, enuncia uma relação directa entre fenómenos migratórios, criminalidade e poder soberano.

Examino este fenómeno preconizado na Selva e para lá dela, à luz de uma convergência da migração com a criminalidade, da qual emerge uma “crise de crimigração” que se alia directamente a um conceito de (não) pertença instaurado e banalizado de forma propositada, que denuncia nas palavras da autora, um estado que detém: “(...) the power to punish, and the power to express moral condemnation.” (Stumpf, 2006: 366).

Deste aparato soberano de reforço das linhas de exclusão, resultam cada vez maiores “extreme divisions in our society between insiders and outsiders - between the included and the alienated.” (Stumpf, 2006: 367).

Segundo uma categorização como ferramenta social de distinção, Stumpf (2006) propõe uma teoria que una e explore (que) razões colocam leis de migração e criminalidade num só eixo de exclusão contemporânea, *Membership Theory*. A mesma explora uma restrição dos direitos e privilégios individuais apenas e membros de um contracto social entre o governo e as pessoas. Por conseguinte, assim se providenciam justificações de exclusão de certos indivíduos da sociedade, usando imigração e lei criminal como meios de propagação deliberada da mesma.

Populações que passam pela Selva e nela habitam em prole de uma meta comum, convertem-se em indivíduos inegavelmente condenados. Proponho uma reflexão transversal acerca desta condenação contemporânea que se estende muito para lá do campo.

Se a Selva como espaço de excepção e tudo o que acarreta e simboliza, transporta realidades de “crimigração”, os indivíduos sujeitos a esta única categoria exclusiva permanecem tidos como criminosos incivilizados no espaço urbano, no qual como migrantes ilegais se vêm restringidos de quaisquer privilégios ou direitos pertencentes apenas ao cidadão.

5.4. (QUE) RESOLUCÕES

por uma soberania que detém consigo o controlo da sua condenação e alienação tanto física, quanto simbólica e moral.

Como ponto de entrada de reflexão acerca de culturas, identidades e percursos não mais que encenados sob o domínio de uma esfera de compartimentação que se difunde nos espaços e nos tempos, populações deslocadas adquirem um papel central no repensar da pluralidade, à luz de configurações biopolíticas dominantes. (Que) existências arraigadas simultaneamente no mito e na categoria, convocam reformulações como expressão de linguagens e expressividades para além do estéril; em constante mudança, dinamismo, sob novas transições e percursos de iniciação.

5.4.1 (QUE) MENTALIDADES

Se contemplamos a crise migratória actual como fenómeno disruptivo⁶¹, é partindo deste eixo de distúrbio, segundo uma interconexão e modelação de actuações e padrões distintos, que se poderão (re)criar novos espaços de significado. Emergem formas de produção em *allophonia*, isto é, idiomas e trajectórias não pertencentes a um lugar, mas que nele se (re)produzem, complementando as linguagens nativas existentes.⁴¹

Invoco percursos na Selva para lá da categoria exclusiva imposta à partida, como viagens de conotação fecunda que, para além de uma teatralização óbvia das experiências, vejam proporcionadas realidades iniciáticas como novos pontos de começo.

Se o mito de sucesso pretendido não se vê concretizado, que possibilidade(s) de outros processos iniciáticos à luz de um projecto francês que os conota de imediato como disruptivos e ameaçadores.

⁴¹ Consultar “The Paris Centre for Migration Writing and Expression”, um site que se ocupa da abordagem da crise migratória em França olhada através de dinâmicas culturais de expressividades plurais face às quais devemos reflectir. À luz de um mundo de transacções, pensar a migração invoca linguagens e expressividades de trajectórias a absorver, ao invés da repetida rotulação dos mesmos como ameaça às condições de vida ocidentais. Consultado em 20.09.2018. Disponível em: <https://allophonia.hypotheses.org/the-paris-centre-for-migrant-writing-and-expression-ulipthe-paris-centre-for-migrant-writing-and-expression-ulip>

Decorrendo desta lógica que contraria a rotulação de refugiado e evoca as transacções dinâmicas que podem advir da sua presença nas comunidades de acolhimento, parece-me interessante sugerir o conceito de “contra narrativas”, *counter narratives*, proposto por Harald Welzer⁴² integrado em eixos de retransformação e desenvolvimento de percursos segundo modos de pensamento distintos que contrariem as conformidades vigentes.

Uma proposta de Welzer acerca do questionamento dos *mindsets* ocidentais na resolução de problemáticas diversas⁴³ abre-nos uma janela de pensamento interessante de desenvolvimento de “contra narrativas” a níveis práticos de acção.

À luz de uma lógica de apartheid instaurada face a populações deslocadas, que formas de contrariar a mesma poderão surgir e prefazer percursos incluídos por parte das mesmas numa sociedade ocidental que carece de novas vertentes de transformação em si mesma.

Slavoj Zizek explora estas transformações sociais em relação com uma actual crise migratória de uma vertente que se interliga a meu ver, com este apelo à elaboração de “contra narrativas”.

Face a uma era de migração massiva actual inserida numa esfera de incompatibilidade e desintegração ética projectada em eixos de (i)mobilização, intolerância, segregação e exclusão europeus, o autor propõe uma narrativa própria em que a variável em questão não se cinge ao refugiado como problemática, mas na qual importa questionar: “what does this obsession with the immigrant threat tell us about the weakness of Europe?”⁴⁴

⁴² Consultar conferências de Harald Welzer. O psicólogo aborda uma sociedade ocidental arraigada em modos de pensamento e acção que não se questionam a si mesmos e que perfazem quadros de certa ordem ou norma em paralelo com a resolução de problemáticas. Propõe contra narrativas, entre outras reflexões como novas formas de (re)pensar standards civilizatórios ocidentais. As suas abordagens serão exploradas mais adiante. Consultadas em 10.08.2018. Disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=8FZ4P5-0DI8&t=14s>; <https://www.youtube.com/watch?v=WZyrGdNvAvw&t=4140s>

⁴³ A componente ambiental é enunciada pelo autor como exemplo elucidativo de (que) mecanismos uma sociedade ocidental faz uso em prole da resolução de problemáticas de carácter violento associado. A mesma será debatida em modo de pré-conclusão de seguida

⁴⁴ Debates e conferências diversos de Slavoj Zizek. Consultadas em 11.08.2018. Disponíveis em:

O influxo crescente dos movimentos populistas e nacionalistas emergentes na actualidade, como (mais) uma denúncia de exclusão generalizada, denuncia segundo Zizek, uma “obsessão” pelos refugiados que ilumina um paradigma de democracia e apartheid como um só.

Por conseguinte, a emergência de um “jogo geopolítico” como produto e simultânea causa de uma crise migratória mundial, transporta-nos para uma realidade concreta instrumentalizada em prole de um sistema que não reflecte acerca de si mesmo.

Repensar o conceito de democracia de uma sociedade moderna, implica um questionar dos standards, estruturas de conteúdo e acção que a compõem e interligações entre os mesmos; que agências, transformações e existências sociopsicológicas, muito para além das ideologias, causam impactos concretos e reversos nos diversos espaços (a)morais de um sistema tido como democrático.

À luz de um sistema político que materializa a sua acção sob diversos indicadores de poder que traçam a crescente fissura entre incluído e excluído. Nas palavras de Zizek: “we tend to forget that we all are not just abstract free individual citizens of the world; we do live as part of concrete communities with certain ways of life.”

O refugiado/migrante é colocado à margem, num quadro contemporâneo de validação de abordagens de exclusão em detrimento da manutenção de um estatuto de ordem ocidental.

Zizek aborda neste sentido uma lógica de valores e modos de vida que ditam aquilo que somos e reflectimos, como que uma “segunda natureza” própria de cada indivíduo, grupo ou comunidade. Neste sentido, “we are our way of life”, e como tal, o reconhecimento e aceitação do mesmo pelos outros e por nós mesmos torna-se dimensão fulcral de uma vida em sociedade: “The point is thus not to recognise ourselves in strangers but to recognise a stranger in ourselves – therein resides the innermost dimension of European modernity. The recognition that we are all, each in our own way (...) provides the only hope for a tolerable co-existence of different ways of life.”

<https://qz.com/767751/marxist-philosopher-slavoj-zizek-on-europes-refugee-crisis-the-left-is-wrong-to-pity-and-romanticize-migrants/>

<https://www.newstatesman.com/politics/uk/2016/02/slavoj-zizek-what-our-fear-refugees-says-about-europe>

<https://www.youtube.com/watch?v=s5PigZzSAJo>

<https://www.youtube.com/watch?v=s5PigZzSAJo>

Indivíduos deslocados como (não mais) que actores sujeitos práticas de silêncio e teatralização óbvia, convertem-se, à luz de uma vulnerabilidade extrema, num fenómeno que Chimamanda Ngozi Adichie denomina de *single story*.⁴⁵

A rotulação do mesmo com vítima passiva, sugere que essa é a sua única natureza ou realidade, sob uma perspectiva que olha apenas uma etapa do seu percurso e a rotula como história total: “The single story creates stereotypes and the problema with stereotypes is not that they are untrue but they are incomplete.”

Importa enfatizar a questão da representatividade e autenticidade da rotulação inserida num domínio soberano de controlo(s) culturais, sociais e económicos associados.

Modos de representação estereotipada de refugiado convocam consigo uma moldura de convenções de poder como instrumento, nas palavras da autora: “determined to tell the stories we prefer to forget.”

Single stories emergem como (mais um) mecanismo claro de separação e compartimentação, segundo captações de vulnerabilidade e produção deliberada de histórias complexas e heterogéneas como ameaça.

⁴⁵ Ver Chimamanda Ngozi Adichie na sua ted talk acerca do perigo das *single stories*. Consultado em 18.09.2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg>

Conclusão

Linguagens do vazio (re)formulam-se ao longo deste texto, à luz de uma produção social e simbólica de caminhos e trajectórias conotados como ninhos de (im)possibilidades.

Evocando uma cartografia particular que se prende com uma problemática migratória actual, são convocadas forma(s) metafóricas e reais de contornar realidades incertas e instáveis a que populações deslocadas se sujeitam na e para lá da Selva, como palcos de encenações e teatralizações óbvias dominados por eixos contemporâneos de apartheid generalizado.

Indivíduos que iniciam uma viagem em prole de um mito concreto de sucesso que viria a ser iniciado no Reino Unido, são à partida tidos como categoria, não passando de meros actores inseridos na mesma, segundo uma esfera geopolítica na qual se cruzam eixos de controlo soberano que perfazem novos sonhos como horizontes inalcançáveis.

Maneiras de chorar dentro das palavras debatem-se nas diversas etapas desta dissertação com um enredo muito próprio, em que deslocamento(s) dão lugar a uma versão moderna colonial de exclusões deliberadas do ser selvático, perigoso e incivilizado.

A Selva denotada como não lugar estéril destinado a massas ilegais, propaga-se alegórica e espacialmente para além dela, ao longo de configurações em si viciadas, (já que) iminentemente embebidas em eixos de marginalização e segregação que se estendem na actualidade, materializados de forma(s) emblemática(s) na fissura da pertença ao campo em oposição directa com a inclusão na cidade.

Se refugiado/migrante como problemática actual, é debatido numa sociedade ocidental em termos discursos populistas e nacionalistas emergentes, o mesmo, como complexidade iminente que se prolonga no tempo, prefaz-se em (não mais que) fantasma de uma sombra, vítima de foco caído em desuso e, por conseguinte, cada vez mais afastado das esferas da integração e aceitação de uma ordem vigente.

Simbologias de privação e rotulação numa conjuntura da Selva de Calais invocam encenações óbvias como tácticas de escape à lógica vigente de compartimentação física, moral e social.

Vidas usadas para produzir narrativas particulares, debatem-se neste enredo específico, como processos e simultâneos produtos de uma era que teme pela sua segurança e que, por conseguinte, providencia permanentes esboços fronteirços reais e metafóricos.

Muros como emblema de uma Europa actual convocam realidades obscuras de deliberação acerca da vida nua e simultânea urgência em (se) escapular da mesma.

Uma lógica reflexiva em torno de uma era divisória de bloqueio de existências e convivências, em que populações deslocadas ocupam um papel proeminente, importa questionar que impactos advêm de percursos iniciáticos impossibilitados de novos começos.

Simboliza-se na minha perspectiva, uma era trágica de declínio moral que retrata uma lógica exacerbada de poder que não se sustenta a si mesma, arraigada em standards fixos de progresso, desenvolvimento e simultânea delimitação de um atlas em que a segregação e a marginalização se tornam as suas expressões mais visíveis.

Percursos iniciáticos de ritualização de um mito tocam-se num enredo entnográfico iminentemente fracturado à luz de um continuum de compartimentação. Campos como materialização emergem como expressão máxima de “exclusão”, “excepção” e “extraterritorialidade” à luz do que Michel Agier refere como uma “paisagem global de campos”. Este fenómeno torna-se bastante elucidativo da banalização de “un sentimento d’un apartheid généralisé”, que se materializa num “l’encampment du monde” (Agier, 2014, apud Neto, 2016, p. 296).

Se contemplamos uma compartimentação emergente de conceitos, ideiais e pessoas nos tempos e nos espaços, também estes de carácter divisório e ambíguo, uma reflexão transversal em torno dos modelos político-sociais ocidentais convoca consigo a denúncia de (que) mecanismos de imobilização, (que) simultâneos dispositivos de controlo e em última instância, (que) ampliação de uma doença análoga a uma Europa arraigada em símbolos de não pertença e divisão que se agravam e ampliam aos mais diversos contextos e lugares.

Como forma de resistência a imoralidades resultantes de um período de fomento deliberado de linguagens estéreis, invoco (que) existências anuladas abraçam vazios reais e metafóricos, não mais que horizontes como formas de caminhar, perante o mito não atingido.

(Que) dilemas e consequentes atuações como via de (sobre)vivência as mesmas acarretam, num mundo que se prefaz de fronteiras de arame farpado instauradas como expoente máximo de uma violência tanto generalizada, quanto banalizada.

Alexandre Soljenitsyne denuncia na sua obra “O declínio da coragem”, uma sociedade que se instala no terreno da lei sem pretender ir para além dela. (Soljenitsyne, 2008: 16).

Marcam-me profundamente as reflexões do autor no misticismo do inesperado; no encontro dirigido ao outro contrariado por “balanças jurídicas arbitrárias”, em que o confronto com outros mundos possíveis é brutalmente descartado.

Entre a necessidade de partir e o desejo de ficar, massas populacionais dirigem-se rumo a um destino específico em prole de um futuro de sucesso que se debate com um presente dúbio, à luz de um mapeamento do mundo de acessos cortados.

Populações deslocadas reconstroem-se (não mais do que) em territórios imaginados, evocados sobre muros que se tornam emblema diário.

(Que) caminhos e produção de narrativas que não enraizadas na teatralização se vêm possíveis a estes de lado nenhum, sob uma esfera irrevogável de apartheid exacerbado levado ao limite.

Bibliografia

- Abourahme, Nasser (2014), “Assembling and Spilling-Over: Towards an ‘Ethnography of Cement’ in a Palestinian Refugee Camp”, *International Journal of Urban and Regional Research*, (Online), 39 (2)
- Agamben, Giorgio (2006), *Qu’est-ce qu’un dispositif*, Paris, Payot&Rivages, citado por Pedro Neto (2016), *Um mundo em movimento – Horizontes operativos entre refugiados e regressados angolanos (Campo de Meheba, Zâmbia)*, Dissertação de Doutoramento em Antropologia, Lisboa, Escola de Ciência Sociais e Humanas, ISCTE
- Agamben, Giorgio (2005), *State of Exception*, Chicago, University of Chicago Press, citado por Pedro Neto (2016), *Um mundo em movimento – Horizontes operativos entre refugiados e regressados angolanos (Campo de Meheba, Zâmbia)*, Dissertação de Doutoramento em Antropologia, Lisboa, Escola de Ciência Sociais e Humanas, ISCTE
- Agamben, Giorgio (1995), *Homo sacer: Il potere sovrano e la nuda vita*, Torino, Giulio Einaudi, citado por Pedro Neto (2016), *Um mundo em movimento – Horizontes operativos entre refugiados e regressados angolanos (Campo de Meheba, Zâmbia)*, Dissertação de Doutoramento em Antropologia, Lisboa, Escola de Ciência Sociais e Humanas, ISCTE
- Agier, Michel (2014), *Un Monde de Camps*, Paris, La Découverte, citado por Pedro Neto (2016), *Um mundo em movimento – Horizontes operativos entre refugiados e regressados angolanos (Campo de Meheba, Zâmbia)*, Dissertação de Doutoramento em Antropologia, Lisboa, Escola de Ciência Sociais e Humanas, ISCTE
- Agier, Michel (2011[2008]), *Managing the undesirables: Refugee camps and Humanitarian Government*, Cambridge, Polity, citado por Pedro Neto (2016), *Um mundo em movimento – Horizontes operativos entre refugiados e regressados angolanos (Campo de Meheba, Zâmbia)*, Dissertação de Doutoramento em Antropologia, Lisboa, Escola de Ciência Sociais e Humanas, ISCTE
- Agier, Michel (2002), “Between war and city: Towards an urban anthropology of refugee camps”, *Ethnography*, (Online), 3 (3)
- Al-Nassir, Sara (2016), “Refugee Camps as a Spatial Phenomenon of Self-Organization” (online), consultado em 06.08.2018. Disponível em: https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/973133_Nassir_Refugee%20Camps%20a%20a%20Spatial%20Phenomenon%20of%20Self-Organization.pdf
- Arendt, Hannah (1973), *The Origins of Totalitarianism*, New York, Harcourt Brace Jovanovich, citado por Liisa Malkki (1992), “National Geographic: The Rooting of Peoples and the Territorialisation of National Identity among Scholars and Refugees”, *Cultural Anthropology*, (Online), 7 (1)
- Arendt, Hannah (1943), “We Refugees”, *Menorah Journal*, (Online), 31 (1)
- Bakewell, Oliver (2007), “The meaning and Use of Identity Papers: handheld and heartfelt nationality in the borderlands of North-West Zambia”, *International Migration Institute*, (Online), 5
- Balibar, Étienne (2002a), “What is a border?”, em Étienne Balibar (org.), *Politics and the Other Scene*, London/New York, Verso
- Balibar, Étienne (2002b), “The borders of Europe”, em Étienne Balibar (org.), *Politics and the Other Scene*, London/ New York, Verso

- Balibar, Étienne. (2004), “We, the People of Europe: Reflections on Transnational Citizenship”, *Journal of International Affairs*, (Online), 57 (2)
- Barth, Fredrik (1969), “Introduction”, em Fredrik Barth (org.), *Ethnic Groups and Boundaries: The Social Organization of Culture Difference*, Oslo, Universitetsforlaget
- Belo, Ruy (2014), *Todos os Poemas*, Portugal, Assírio & Alvim
- Benjamin, Walter (2007[1969]), *Illuminations: Essays and Reflections*, London, Pimlico
- Bissell, David e Fuller, Gillian (2011), “Stillness unbound”, em David Bissel e Gillian Fuller (orgs.), *Stillness in a Mobile World*, Abingdon, Routledge
- Bourdieu, Pierre (1994), *Raisons pratiques: sur la théorie de l’action*, Paris, Seuil, citado por Pedro Neto (2016), *Um mundo em movimento – Horizontes operativos entre refugiados e regressados angolanos (Campo de Meheba, Zâmbia)*, Dissertação de Doutoramento em Antropologia, Lisboa, Escola de Ciência Sociais e Humanas, ISCTE
- Bourdieu, Pierre (1980), *Le sens pratique*, Paris, Les Editions de Minuit, citado por Pedro Neto (2016), *Um mundo em movimento – Horizontes operativos entre refugiados e regressados angolanos (Campo de Meheba, Zâmbia)*, Dissertação de Doutoramento em Antropologia, Lisboa, Escola de Ciência Sociais e Humanas, ISCTE
- Brachet, Julien (2007), *Un désert cosmopolite. Migrations de transit dans la région d’Agadez (Sahara nigérien)*, thèse de doctorat, département de géographie, Université Paris 1, Panthéon-Sorbonne, Paris citado por Pedro Neto (2016), *Um mundo em movimento – Horizontes operativos entre refugiados e regressados angolanos (Campo de Meheba, Zâmbia)*, Dissertação de Doutoramento em Antropologia, Lisboa, Escola de Ciência Sociais e Humanas, ISCTE
- Brambilla, Chiara (2007) “Borders and Identities/Border Identities: The Angola-Namibia Border and the Plurivocality of the Kwanyama Identity”, *Journal of Borderlands Studies* 22 (2), citado por Pedro Neto (2016), *Um mundo em movimento – Horizontes operativos entre refugiados e regressados angolanos (Campo de Meheba, Zâmbia)*, Dissertação de Doutoramento em Antropologia, Lisboa, Escola de Ciência Sociais e Humanas, ISCTE
- Brown, Wendy (2010), “Borders, Walls, and Crumbling Sovereignty”, *Political Theory*, (Online), 40 (1)
- Brubaker, Rogers e Cooper, Frederik (2000), “Beyond ‘identity’”, *Theory and Society*, (Online), 29 (1)
- Butler, Anthony (1998), “Democracy and Apartheid”, em Anthony Butler (org.), *Democracy and Apartheid: Political Theory, Comparative Politics and the Modern South Africa State*, s.l., Springer
- Butler, Judith (2002), “Guantanamo Limbo” (online), consultado em 20.08.2018. Disponível em: <https://www.thenation.com/article/guantanamo-limbo/>
- Casa-Cortes, Maribel *et.al* (2014), “New Keywords: Migration and Borders”, *Cultural Studies*, (Online), 29 (1)
- Certeau, Michel de (1984), “General Introduction”, em Michel de Certeau (org.), *The Practice of Everyday Life*, Berkeley, University of California Press
- Clifford, James (1997), “Travels”, em James Clifford (org.), *Routes: Travel and Translation in the Late Twentieth Century*, Cambridge, MA: Harvard University Press
- Clifford, James (1992), “Traveling Cultures,” em Laurence Grossberg, Cary Nelson e Paula A. Treichler (orgs.), *Cultural Studies*, New York, Routledge

- Clifford, James (1988), “On Ethnographic Authority”, em James Clifford (org.), *The predicament of Culture: Twentieth century Ethnography, Literature and Art*, Cambridge, MA: Harvard University Press
- Clifford, James (1986), “Introduction: Partial Truths”, em James Clifford e George E. Marcus (orgs.), *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography*, California, University of California Press
- Cooper, Elizabeth e Pratten, David (2015), “Ethnographies of Uncertainty in Africa: An Introduction”, em Elizabeth Cooper e David Pratten (orgs.), *Ethnographies of Uncertainty in Africa*, New York, Palgrave Macmillan
- Cooper, Fredrik (2005), “Identity – With Rogers Brubaker”, em Fredrik Cooper (org.), *Colonialism in Question: Theory, Knowledge, History*, s.l., University of California Press
- Couto, Mia (2003), *estórias abensonhadas*, Portugal, Editorial Caminho
- Crapanzano, Vincent (2010), “In the Heart of the Discipline”, em James Davies e Dimitrina Spencer (orgs.), *Emotions in the field: The Psychology and Anthropology of Fieldwork Experience*, Stanford, Stanford University Press
- Crapanzano, Vicent (2004), “Imaginative Horizons”, em Vicent Crapanzano (org.), *Imaginative Horizons: An essay in Literary-Philosophical Anthropology*, Chicago/London, The University of Chicago Press
- Cresswell, Tim (2012), “Mobilities II: Still”, *Progress in Human Geography*, (Online), 36 (5)
- Cresswell, Tim (2010), “Mobilities I: Catching up”, *Progress in Human Geography*, (Online), 35 (4)
- Cresswell, Tim (2006), “Producing Immigrant Mobilities”, em Tim Cresswell (org.), *On the move: Mobility in the Modern Western World*, London/New York, Routledge
- Czaika, Mathias e Di Lillo, Armando (2017), “The Geography of Anti-Immigrant Attitudes across Europe, 2002-2014”, *Journal of Ethic and Migration Studies*, (Online), 44 (15)
- Dalal, Ayham (2017), “Uncovering Culture and Identity in Refugee Camps” (online), consultado em 11.03.2018. Disponível em: [file:///C:/Users/holst/Downloads/humanities-06-00061%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/holst/Downloads/humanities-06-00061%20(2).pdf)
- Davies, Thom e Isakjee, Arshad (2015), “Geography, migration and abandonment in the Calais refugee camp”, *Political Geography*, (Online), 49
- Fazio, H. Russel e Olson, A. Michel (2003), “Attitudes: Foundations, functions, and consequences”, em Michael A. Hogg e Joel Cooper (orgs.), *The Sage Handbook of Social Psychology*, London, Sage
- Ferguson, James (1999), *Expectations of Modernity: Myths and Meanings of Urban Life of the Zambian Coperbelt*, Berkeley/ Los Angeles/ London, University of California Press, citado por Pedro Neto (2016), *Um mundo em movimento – Horizontes operativos entre refugiados e regressados angolanos (Campo de Meheba, Zâmbia)*, Dissertação de Doutoramento em Antropologia, Lisboa, Escola de Ciência Socias e Humanas, ISCTE
- Flynn, D. K. (1997), “‘We Are the Border’: identity, exchange, and the state along the Benin-Nigeria border”, *American Ethnologist*, 24 (2), citado por Pedro Neto (2016), *Um mundo em movimento – Horizontes operativos entre refugiados e regressados angolanos (Campo de Meheba, Zâmbia)*, Dissertação de Doutoramento em Antropologia, Lisboa, Escola de Ciência Socias e Humanas, ISCTE

- Foucault, Michel (2003), *Society Must be Defended: Lectures at the Collège de France 1975-76*, London, Penguin Books, citado por Liisa Malkki (1992), “National Geographic: The Rooting of Peoples and the Territorialisation of National Identity among Scholars and Refugees”, *Cultural Anthropology*, (Online), 7 (1)
- Foucault, Michel (1967), *Des Espaces Autres* (online), consultado em 10.07.2018. Disponível em: <https://foucault.info/documents/heterotopia/foucault.heterotopia.en/>
- Gupta, Akhil e Ferguson, James (1997), *Anthropological Locations. Boundaries and Grounds of a Field Science*, Berkley/Los Angeles, University of California Press, citado por Pedro Neto (2016), *Um mundo em movimento – Horizontes operativos entre refugiados e regressados angolanos (Campo de Meheba, Zâmbia)*, Dissertação de Doutoramento em Antropologia, Lisboa, Escola de Ciência Sociais e Humanas, ISCTE
- Gupta, Akhil e Ferguson, James (1992), “Beyond ‘Culture’: Space, Identity, and the Politics of Difference”, *Cultural Anthropology*, (Online), 7 (1)
- Hannerz, Ulf (2003), “Being there... and there... and there: Reflections on Multi-Site Ethnography”, *Ethnography*, (Online), 4 (2)
- Innes, J., Alexandria (2015), “The Never- Ending Journey? Exclusive Jurisdictions and Migrant Mobility in Europe”, *Journal of Contemporary European Studies*, (Online), 23 (4)
- Kalogirou, Stamatis e Tsiopa, Artemis (2016), “The spatial and temporal dimensions of the recent refugee migration and crisis in Greece” (online), consultado em 28.08.2018. Disponível em: http://www.academia.edu/29820548/The_spatial_and_temporal_dimensions_of_the_recent_refugee_and_migration_crisis_in_Greece
- Kaur, Rupri (2017), *the sun and her flowers*, London, Simon & Schuster Ltd
- Kunz, Egon, F. (1973), “The Refugee in Flight: Kinetic Models and Forms of Displacement”, *International Migration Review*, 7 (2), citado por Suda Perera (2017), “Method in the Chaos: Non-linearity, Ephemerality and Refugee Identity”, em Parvarti Nair e Tendayi Bloom (orgs.), *Migration Across Boundaries - Linking Research to Practice and Experience*, Spain, United Nations University
- Lefebvre, H. (2003), “From City to Urban Society”, em Henri Lefebvre (org.), *The Urban Revolution*, Minneapolis, University of Minnesota Press
- Lischer, K., Sara (2006), “Reviewed Work: Dangerous Sanctuaries: Refugee Camps, Civil War and the Dilemmas of Humanitarian Aid”, *Political Science Quarterly*, (Online), 121 (3)
- Low, Martina (2008), “The Constitution of Space, The Structuration of Spaces Through the Simultaneity of Effect and Perception”, *European Journal of Social Theory* 11 (1), citado por Sara Al-Nassir (2016), “Refugee Camps as a Spatial Phenomenon of Self-Organization” (online), consultado em 06.08.2018. Disponível em: https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/973133_Nassir_Refugee%20Camps%20as%20a%20Spatial%20Phenomenon%20of%20Self-Organization.pdf
- Malkki, Liisa (1996), “Speechless Emissaries: Refugees, Humanitarianism, and Dehistoricization”, *Cultural Anthropology*, (Online), 11 (3)
- Malkki, Liisa (1995a), *Purity and Exile: Violence, Memory and National Cosmology Among Hutu Refugee in Tanzania*, Chicago, Chicago University Press, citado por Pedro Neto (2016), *Um mundo em movimento – Horizontes operativos entre refugiados e regressados angolanos (Campo de*

- Meheba, Zâmbia*), Dissertação de Doutoramento em Antropologia, Lisboa, Escola de Ciência Sociais e Humanas, ISCTE
- Malkki, Liisa (1995b), “Refugees and Exile: From ‘Refugee Studies’ to the National Order of Things”, *Annual Review of Anthropology*, (Online), 24
- Malkki, Liisa (1992), “National Geographic: The Rooting of Peoples and the Territorialisation of National Identity among Scholars and Refugees”, *Cultural Anthropology*, (Online), 7 (1)
- Marcus, E., George (1995), “Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography”, *Annual Review of Anthropology*, (Online), 24
- Mbembe, Achille (2016), *Políticas da Inimizade*, Portugal, Antígona
- Mbembe, Achille (2003), “Necropolitics”, *Public Culture*, (Online), 15 (1)
- Mello Breyner Andresen, Sophia de (1944), *Poesia*, Portugal, Editorial Caminho
- Mitropoulos, Angela (2007), “Autonomy, Recognition, Movement” em Stephen Shukaitis, David Graeber e Erika Biddle (orgs.), *Constituent Imagination: Militant Investigations Collective Theorization*, Oakland, AK Press, citado por Joe Rigby e Raphael Schlembach, (2013), “Impossible protest: noborders in Calais”, *Citizenship Studies*, (Online), 17 (2)
- Monsutti, Alessandro (2005), *War and Migration: Social Networks and Economic Strategies of the Hazaras of Afghanistan*, London/New York, Routledge, citado por Pedro Neto (2016), *Um mundo em movimento – Horizontes operativos entre refugiados e regressados angolanos (Campo de Meheba, Zâmbia)*, Dissertação de Doutoramento em Antropologia, Lisboa, Escola de Ciência Sociais e Humanas, ISCTE
- Moura, Paulo (2014), *Longe do Mar*, Portugal, Fundação Francisco Manuel dos Santos
- Nyers, Peter (1999), “Emergency or Emerging Identities? Refugees and Transformations in World Order”, *Millennium: Journal of International Studies*, (Online), 28 (1)
- Ong, Aihwa (1999), *Flexible Citizenship: The Cultural Logics of Transnationality*. Durham, NC, Duke University Press, citado por Pedro Neto (2016), *Um mundo em movimento – Horizontes operativos entre refugiados e regressados angolanos (Campo de Meheba, Zâmbia)*, Dissertação de Doutoramento em Antropologia, Lisboa, Escola de Ciência Sociais e Humanas, ISCTE
- Perera, Suda (2017), “Method in the Chaos: Non-linearity, Ephemerality and Refugee Identity”, em Parvarti Nair e Tendayi Bloom (orgs.), *Migration Across Boundaries - Linking Research to Practice and Experience*, Spain, United Nations University
- Peteet, Julie (2005), *Landscape of hope and despair: Palestinian refugee camps*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, citado por Al Nassir, Sara (2016), “Refugee Camps as a Spatial Phenomenon of Self-Organization” (online), consultado em 06.08.2018.
- Disponível em:
https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/973133_Nassir_Refugee%20Camps%20as%20a%20Spatial%20Phenomenon%20of%20Self-Organization.pdf
- Pollak, Michael (2000[1990]), *L’expérience concentrationnaire: Essai sur le maintien de l’identité sociale*, Paris, Métailié, citado por Michel Agier (2002), “Between war and city: Towards an urban anthropology of refugee camps”, *Ethnography*, (Online), 3 (3)
- Prigge, Walter “Reading the Urban Revolution – Space and representation: Reading Henri Lefebvre”, em Kanishka Goonewardena, Richard Milgrom e Stefan Kipfer (orgs.), *Space, Difference, Everyday Life*, New York/London, Routledge Taylor & Francis Group

- Rancière, Jacques (2004), *The Politics of Aesthetics: The Distribution of the Sensible*, London, Continuum, citado por Joe Rigby e Raphael Schlembach (2013), “Impossible protest: noborders in Calais”, *Citizenship Studies*, (Online), 17 (2)
- Rigby, Joe e Schlembach, Raphael. (2013), “Impossible protest: noborders in Calais”, *Citizenship Studies*, (Online), 17 (2)
- Rygiel, Kim (2011), “Bordering solidarities: Migrant activism and the politics of movement and camps at Calais”, *Citizenship Studies*, (Online), 15 (1)
- Scheper-Hughes, Nancy (1995), “The Primacy of the Ethical: Propositions for a Militant Anthropology”, *Cultural Anthropology*, (Online), 36 (3)
- Sigona, Nando (2015), “Campzanship: Reimagining the camp as a social and political space”, *Citizenship Studies*, (Online), 19 (1)
- Silva, José Carlos Gomes da (2006), “Objects illusoires de l’écriture”, (Online); *Revue des Sciences Sociales*, “*Ecrire les sciences sociales*”, 36
- Soljenitsyne, Alexandre (2008), *o declínio da coragem*, Portugal, Edições Rolim
- Stumpf, Juliet (2006), “The Crimmigration Crisis: Immigrants, Crime and Sovereign Power”, *American University Law Review*, (Online), 56 (2)
- Tajfel, Henry e Turner, John (1986), “Social identity theory of intergroup relations”, em Stephen Worchel e William Austin (orgs.), *Psychology of Intergroup relations*, Chicago, Nelson Hall
- Turner, Simon (2015), “What is a refugee camp? Explorations of the limits and effects of the camp”, *Journal of Refugee Studies*, (Online), 28 (4)
- Turner, Simon (2010), “The Biopolitics of Innocence”, em Simon Turner (org.), *Politics of Innocence – Hutu Identity, Conflict and Camp Life*, New York, Berghahn Books
- Urry, John (2000), *Sociology Beyond Societies: Mobilities for the Twenty-First Century*, London/New York, Routledge, citado por Pedro Neto (2016), *Um mundo em movimento – Horizontes operativos entre refugiados e regressados angolanos (Campo de Meheba, Zâmbia)*, Dissertação de Doutoramento em Antropologia, Lisboa, Escola de Ciência Sociais e Humanas, ISCTE
- Welzer, Harald (2010), “Changed Realities”, em Harald Welzer (org.), *Climant Wars: What People Will be Killed For In the 21st Century*, Cambridge, Polity Press
- White, Josh (2015), “How Calais’ ‘jungle’ migrant camp has now become a mini city – complete with restaurants, a theatre, books shops and free wifi” (online), consultado em 10.09.2018. Disponível em: <https://www.dailymail.co.uk/news/article-3348594/Restaurants-theatre-free-wifi-Calais-Jungle-migrant-camp-mini-city.html>
- Vigh, Henrik (2008), “Crisis and chronicity: Anthropological perspectives on continuous conflict and decline”, *Ethnos*, (Online) 73 (1)
- Vigh, Henrik (2010), “Youth Mobilisation as Social Navigation. Reflections on the concept of dubriagem”, *Caderno de Estudos Africanos*, (Online) 18/19

Documentos/Relatórios

Frontex – European Agency for the Management of Operational Cooperation at the External Borders of the Member States of the European Union

(2015), *Risk Analysis for 2015*, Frontex, Warsaw, Poland

(2016), *Risk Analysis for 2016*, Frontex, Warsaw, Poland

House of Commons Home Affairs Committee

(2016), *Migration Crisis, Seventh Report of Session 2016-17*, House of Commons, disponível em: <https://publications.parliament.uk/pa/cm201617/cmselect/cmhaff/24/24.pdf>

UNHCR - United Nations High Commission for Refugees

(2015), *The sea route to Europe: The Mediterranean passage in the age of refugees*, UNHCR, disponível em: <http://www.unhcr.org/5592bd059.pdf>

Filmes/Documentários

Assia (Marrocos/França, 2018, 12 min), realizado por Zairi Malika

Deephan: O Refúgio (2015, 115 min), realizado por Jacques Audiard

Eldorado (Suíça/Alemanha, 2018, 92 min), realizado por Markus Imhoof

El Hijo de Fátima (Itália, 2017, 11 min), realizado por Carlotta Piccini

Human Flow – Não Existe Lar se Não Há para Onde Ir (2017, 142 min), realizado por Ai Weiwei

Irioweniasi. El Hijo de la Luna (Marrocos/Espanha/Nigéria, 2018, 48 min), realizado por Esperanza Jorge e Inmaculada Antolínez

My Kaaba is Human (Portugal, 2017, 23 min), realizado por Sinem Tas

